

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

JOSÉ ALEXSANDRO DE CARVALHO ANDRADE

**A repercussão editorial das biografias escritas por jornalistas: um olhar sobre Lira Neto e
a trilogia Getúlio**

Monografia

Mariana
2021

JOSÉ ALEXSANDRO DE CARVALHO ANDRADE

**A repercussão editorial das biografias escritas por jornalistas: um olhar sobre Lira Neto e
a trilogia Getúlio**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Michele da Silva Tavares

Mariana
2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

A553r Andrade, Jose Alexsandro de Carvalho.
A repercussão editorial das biografias escritas por jornalistas
[manuscrito]: um olhar sobre Lira Neto e a trilogia Getúlio.. / Jose
Alexsandro de Carvalho Andrade. - 2021.
67 f.: il.: tab..

Orientadora: Profa. Dra. Michele da Silva Tavares.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Biografia. 2. Políticos. 3. Jornalismo literário. 4. Lira Neto, 1963-. 5.
Vargas, Getúlio, 1882-1954. I. Tavares, Michele da Silva. II. Universidade
Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU Políticos

Bibliotecário(a) Responsável: Edna da Silva Angelo - CRB6 2560



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

José Aleksandro de Carvalho Andrade

A repercussão editorial das biografias escritas por jornalistas: um olhar sobre Lira Neto e a trilogia Getúlio

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 24 de setembro de 2021.

Membros da banca

Dra. Michele da Silva Tavares - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Agnes Francine de Carvalho Mariano (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Hila Bernardete Silva Rodrigues (Universidade Federal de Ouro Preto)

Michele da Silva Tavares, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 16/12/2021.



Documento assinado eletronicamente por **Michele da Silva Tavares, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/12/2021, às 15:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0259889** e o código CRC **11306D3C**.

Aos meus pais, Pedro e Célia e todos que de fato torceram por mim mesmo com a distância física. Ao melhor contador de causos e contos, meu avô Antônio. E aos Jornalistas que desossam, temperam e deixam a história mais saborosa de se ler, entender e perenizar tal receita para as futuras gerações do jornalismo.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e talentos, aos meus familiares que de fato torceram por mim.

Aos amigos de ontem e de hoje: Os de SE que permaneceram mesmo com minha ausência e os de MG que aguentam minha mudança de humor diário.

A Universidade Federal de Ouro Preto pelo ensino gratuito e desafiador nos momentos de intempérie política e sucateamento da educação pública.

Aos professores que de fato foram mestres e deram aula, cumprimento-os nas pessoas da professora e orientadora Dra. Michele Tavares e do professor Dr. André Quiroga.

A Ouro Preto pelo aprendizado de vida, amizades e oportunidades de crescimento profissional e humano; a velha Vila Rica é uma vedete que ainda seduz a muitos que por ela passam.

Aos amigos Ângelo, Zaqueu, Vanessa e Roseli que tornaram meus dias em Minas Gerais mais aconchegantes.

A Rep. Nau Sem Rumo pela acolhida, paciência e amigos que levarei para vida; abraços na pessoa do amigo e nobre pirata Godofredo.

“[...] e aprendi que se depende sempre de tanta, muita, diferente gente. Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas. E é tão bonito quando a gente entende, que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá...” Gonzaguinha.

“Quem ficar, não deixe a memória turvar. Quem souber escrever, escreva, quem souber interpretar, interprete, quem souber discursar, discurse. Mas contem a nossa história”.

Marcelo Déda Chagas.

RESUMO

A biografia trata-se de um gênero textual voltado para contar a história de uma pessoa, geralmente personalidades da ciência, política, cultura e esporte, mas também pode ser usada para contar a histórias de pessoas comuns. Neste sentido, o presente estudo teve como objetivo analisar a repercussão das biografias escritas por Lira Neto sobre personagens políticos, por meio de uma análise do mapeamento do mercado editorial a partir de críticas coletadas sobre as biografias de Getúlio Vargas, e uma análise e reflexão dos sumários com o intuito de mostrar os aspectos que caracterizam o personagem. Para tanto, utilizou-se como metodologia a revisão bibliográfica e análise de conteúdo. Assim, os dados coletados foram divididos em três etapas: escolha das biografias; análise dos sumários e reflexão sobre a repercussão. Dessa forma, foi possível perceber na análise dos sumários que Lira Neto teve seu foco voltado para os aspectos intelectuais do personagem, onde é traçada uma narrativa cronológica dos fatos da vida pessoal e política do personagem, em concordância com os fatos e a cultura da época, embasados em documentos históricos. Já na reflexão sobre a repercussão das obras, é notória a relevância da trilogia na mídia, dada as críticas positivas de historiadores, pesquisadores, cientistas políticos, e a imprensa composta pelos veículos de comunicação, jornais, revistas e televisão.

Palavras-chave: Biografia; Personagem político; Jornalismo literário; Lira Neto; Getúlio Vargas.

ABSTRACT

Biography is a textual genre aimed at telling the story of a person, usually personalities from science, politics, culture and sports, but it can also be used to tell the stories of ordinary people. In this sense, the present study aimed to analyze the repercussion of the biographies written by Lira Neto on political characters, through an analysis of the mapping of the publishing market based on the criticism collected about the biographies of Getúlio Vargas, and an analysis and reflection of the summaries in order to show the aspects that characterize the character. For that, the bibliography review and content analysis were used as methodology. Thus, the collected data were divided into three stages: choice of biographies; analysis of summaries and reflection on the impact. Thus, it was possible to see in the analysis of the summaries that Lira Neto focused on the intellectual aspects of the character, where a chronological narrative of the facts of the character's personal and political life is traced, in accordance with the facts and culture of the time, based on historical documents. In the reflection on the repercussion of the works, the relevance of the trilogy in the media is clear, given the positive reviews from historians, researchers, political scientists, and the press made up of the media, newspapers, magazines and television.

Keywords: biography; political character; literary journalism; Lira Neto; Getúlio Vargas.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Jornalistas biógrafos, respectivas obras e personagens biografados	31
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A CONSTRUÇÃO DA BIOGRAFIA JORNALÍSTICA.....	14
2.1 A importância do jornalismo literário	14
2.1.1 A obra de memória	19
2.2 Biografia como gênero jornalístico.....	23
2.2.1 Panorama do mercado editorial de biografias: jornalistas-biógrafos e personagens biografados	27
3 A BIOGRAFIA DE MEMÓRIA.....	34
3.1. A biografia como memória do personagem político	34
3.2. O trabalho do jornalista na apuração biográfica	39
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE	46
4.1. Metodologia	46
4.2. Análise	48
4.2.1 Primeira Etapa: Escolha das biografias	48
4.2.2 Segunda Etapa: Análise dos sumários	49
4.2.3 Terceira Etapa: Reflexão sobre a repercussão	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

O segmento de biografias é considerado um dos favoritos entre os brasileiros, conforme aponta o Conselho Federal de Biblioteconomia (2020). Tal sucesso pode ser justificado, pois as obras de biografia apresentam os principais passos da história de sucesso de personalidades incríveis, além de fornecer grandes lições de vida e aprendizado valiosos (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA, 2020).

Dessa forma, a aventura de biografar desperta nos jornalistas o interesse pelo outro, visto que os jornalistas fazem do seu labor diário, o desejo de narrar e compreender uma vida. Assim, ao tentar contar, reescrever, escrever e compreender a história, ambos buscam uma narratividade própria, em que a interseção com a literatura é inevitável. Nas palavras de Vieira (2011, p. 11): “assim, a biografia, como gênero de fronteira, se torna um espaço fecundo para que o eterno flerte do jornalismo com a história e a literatura se manifeste, sem que o jornalismo se aproprie completamente nem de um nem de outro”.

Cabe ainda considerar que a biografia pode contar tanto histórias de grandes personalidades, quanto de pessoas comuns, ou seja, não é necessário ser famoso ou ter realizado algum feito incrível para a sua vida virar um livro.

No que se refere as biografias voltadas para personalidades, cabe citar a trajetória do escritor e jornalista João de Lira Cavalcante Neto, mais conhecido como Lira Neto. Mestre em Comunicação e Semiótica, graduado em Comunicação Social, que possui livros publicados sobre personalidades políticas como Getúlio Vargas, objeto de estudo da presente monografia.

João de Lira Cavalcante Neto, nasceu em Fortaleza no estado do Ceará. Ele é um escritor e jornalista, graduado em Comunicação Social e Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará, graduado em Letras pela Universidade Estadual do Ceará, mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutorando em História pela Universidade Nova de Lisboa. Antes de se dedicar ao jornalismo, Lira Neto trabalhou como professor nas disciplinas de história, redação e literatura em vários colégios de Fortaleza (LIRA NETO, 2021).

Lira Neto, atualmente possui doze livros publicados e foi por quatro vezes recipiente do prêmio Jabuti, nomeadamente com as suas biografias *Padre Cícero: Poder, fé e guerra no sertão* (2009), vencedor do Jabuti em 2010, e a trilogia *Getúlio* (2012-14) publicada pelo Grupo Companhia das Letras, cujo segundo volume foi premiado em 2014 com o Prêmio Jabuti (LIRA NETO, 2021).

A escolha das biografias de Getúlio Vargas escritas por Lira Neto deve-se ao fato delas

se adequarem bem ao propósito do trabalho, que apresenta um mapeamento geral das biografias escritas por jornalistas e, na sequência, enfatiza a obra de Lira Neto, com a trilogia “Getúlio”; análise do sumário e das críticas. Outro fator que justifica a escolha das biografias de Getúlio Vargas está em sua trajetória, por ser um grande nome da história recente da política brasileira, e ser o presidente que mais tempo ficou no poder.

Diante das percepções inicialmente apresentadas, são apresentadas as seguintes questões de pesquisa: Qual a repercussão editorial das biografias sobre personagens políticos escritos por jornalistas? Qual a repercussão da trilogia Getúlio escrita por Lira Neto para o mercado editorial? Quais as críticas dessas biografias selecionadas? Como se dá a repercussão da obra por meio da crítica e de estudiosos do campo? Como Lira Neto estrutura as obras da trilogia?

Para responder as questões de pesquisa, foi considerado como objetivo geral: analisar a repercussão das biografias escritas por Lira Neto sobre personagens políticos, por meio de um mapeamento do mercado editorial a partir de críticas coletadas sobre as biografias de Getúlio Vargas, e uma análise e reflexão dos sumários com o intuito de mostrar os aspectos que caracterizam o personagem. Dessa maneira, tem-se como objetivos específicos: descrever o panorama do mercado editorial de biografias dos jornalistas-biógrafos e personagens políticos, além de apresentar as biografias de personalidades políticas escritas por Lira Neto compreender a importância da biografia jornalística como gênero literário e jornalístico; contextualizar a biografia como memória do personagem político; apontar o trabalho do jornalista na apuração biográfica; e analisar os sumários, as críticas e textos noticiados sobre as bibliografias de Getúlio Vargas escritas por Lira Neto.

Como justificativa deste estudo, é interessante frisar a curiosidade e interesse, em geral, na história de vida de políticos, celebridades, mafiosos e empresários está mais ligada ao peso social que tiveram através de seus feitos do que mero mexerico. Neste sentido, cabe citar como exemplo o livro de memórias do ex-presidente americano Barack Obama, "*A Promised Land*", que vendeu 887 mil cópias nos Estados Unidos e no Canadá nas primeiras 24 horas desde que foi lançado em 17 de novembro de 2020. O livro de Obama superou o da própria esposa, Michelle Obama, que em 2018, também no primeiro dia, vendeu 725 mil exemplares de "Minha História", livro que permaneceu mais de um ano na lista de *best sellers* do jornal "The New York Times" (UOL NOTÍCIAS, 2020).

Ainda como justificativa para a realização deste estudo, é importante considerar que inicialmente este trabalho tinha como objetivo realizar um mapeamento das biografias escritas por jornalistas sobre personagens políticos e sua repercussão para o mercado editorial.

Entretanto, durante o processo de coleta de dados, a pesquisa se tornou inviável, pela falta de dados e fontes confiáveis sobre o *ranking* de vendas destas biografias.

Assim, após o detalhamento das dificuldades encontradas que motivaram a mudança de percurso da pesquisa, é importante citar que para uma melhor compreensão do tema e do desenvolvimento deste estudo, o presente trabalho se encontra estruturado da seguinte maneira: Capítulo 1, versa sobre o panorama do mercado editorial de biografias, onde aponta os jornalistas-biógrafos e os personagens políticos. Além disso, trata sobre a importância da biografia como gênero de literário/jornalístico. O Capítulo 2, discorre sobre a biografia como memória do personagem político e o trabalho do jornalista na apuração biográfica. O Capítulo 3, traz a metodologia utilizada para o desenvolvimento do estudo, com os critérios utilizados para o mapeamento e a reflexão sobre a repercussão das obras selecionadas.

2 A CONSTRUÇÃO DA BIOGRAFIA JORNALÍSTICA

O presente capítulo foi constituído a partir do exame minucioso da literatura existente, que busca dar uma ampla visão da produção científica nos campos abordados nesta pesquisa. Tendo sido realizado o levantamento bibliográfico com a finalidade de dar uma base teórica sólida e empírica robusta, construídas e centradas na contextualização sócio histórica do objeto de pesquisa deste estudo: as biografias de personagens políticos escritas por jornalistas. Dessa forma, é tratada a evolução de mercado editorial ao longo das décadas, os principais autores e políticos biografados.

2.1 A importância do jornalismo literário

O surgimento do gênero jornalístico literário encontra-se nas primeiras combinações de recursos literários com técnicas de investigação jornalística, que originara as obras de ficção inspiradas na vida real. Tal tendência já podia ser observada no século XVIII, por meio da escrita ficcionista de Daniel Defoe e de Henry Fielding (FARIA, 2011).

No período do Modernismo, na primeira metade do século XX, dominava a objetividade jornalística, que condenava o jornalismo em seu contexto mais útil, e favoreceu a marginalização do gênero jornalístico literário nos Estados Unidos da América, este que não era estudado e ensinado, além de não ser objeto de crítica por romper com o conceito científico de objetividade, uma vez que recorria às formas de escrita literária (FARIA, 2011).

Já na década de 1960 emerge o movimento cultural revolucionário denominado de *New Journalism* nos Estados Unidos da América, devido à corrente positivista e crítica da objetividade. Posteriormente, este tipo de jornalismo despontou no Brasil e na Europa, com semelhanças no jornalismo interpretativo, inspirado na corrente realista que vingava desde o século XIX, e propunha uma observação mais atenta e objetiva do mundo (FREITAS, 2002).

Dessa maneira, o movimento estimulou o recurso das formas literárias em jornalismo, defendendo a utilização cruzada de métodos jornalísticos de investigação com técnicas de escrita literária, o que estimulou a criatividade no jornalismo, a impressão da realidade nas obras literárias, e a transcender a dimensão comercial dos padrões jornalísticos tradicionais (MOTTA, 2003).

Ainda sobre o movimento do *New Journalism* Schmidt (1997) ressalta que as razões da emergência das biografias no âmbito do jornalismo, estão voltadas para o impacto do referido movimento, tendo como expoentes Truman Capote, Tom Wolfe e Norman Mailer, e pode ser

definido como “a aplicação das técnicas ficcionais a textos de não-ficção” (BUENO, 1994, p. 7).

Neste sentido, Lima (1993) complementa,

[...] essa tendência foi apenas a expressão moderna de algo que sempre existiu ao lado da corrente convencional do jornalismo: o "jornalismo literário". Repórteres rebeldes sempre procuraram, ao longo da história, manter viva a chama da reportagem mais solta, criativa, provocante, tirando da literatura - e de outras formas de compreensão e expressão do mundo - inspirações renovadoras. (LIMA, 1993, p. 51-53).

Dentro deste contexto, o jornalismo literário representa um tipo de jornalismo que no decorrer do seu desenvolvimento importou técnicas narrativas da ficção, que em seguida foram adaptadas para as histórias da vida real (LIMA, 2009). Schmidt (1997, p. 6) ainda ressalta que “diversas características do *New Journalism* são perceptíveis nas biografias históricas recentes produzidas por jornalistas”.

Para Faria (2011) o domínio das novas tecnologias de informação, como a Internet foi um dos fatores que facilitaram a adesão de jornalistas à prática de um jornalismo absorvente no estilo literário, que tendiam a ofuscar os meios de comunicação de massa tradicionais, e de certa forma obrigou a imprensa a ceder às formas literárias e de entretenimento, com o intuito de reconquistar a atenção dos seus leitores. Assim, a moda do literário se espalhou pelas faculdades, sendo repassada para as novas gerações de jornalistas. Com a quebra dos paradigmas jornalistas tradicionais, a descrença na objetividade jornalística foi crescendo à medida que as linhas de fronteira entre fato e ficção foram se diluindo.

O realismo literário convidava a uma estrutura semelhante à das histórias, onde personagens, espaço, tempo e ações se combinavam, motivando escritores para a criação de não-ficção ou de ficção com realismo, mesmo que este não passasse de uma sensação de realidade, ou de uma sua semelhança. (FARIA, 2011, p.8).

De acordo com Émile Zola (citado por PONTE, 2005, p. 178), o estilo realista: “distorce precisamente na medida em que confere à natureza a máxima ilusão de verdade”. Esse tipo de ilusão realista apresenta duas faces no jornalismo: a descrição realista e a escrita de histórias; e a objetividade no relato dos fatos voltada para a aproximação da realidade social. Neste sentido, Mota (2003, p.30) complementa que: “as matrizes do jornalismo são as realidades humanas entendidas na sua dimensão logomítica, na sua racionalidade imediata e também na sua subjetividade menos mediata a partir dos dramas e tragédias humanas que são a matéria prima do jornalismo”.

Para Ponte (2005), a corrente realista transformou o discurso jornalístico, perdendo seu tom panfletário herdado do jornalismo romântico, tornando-se mais narrativo, descritivo e compreensivo da realidade, além da observação do detalhe e da emoção. Nos processos de representação do real, a descrição adotou um papel mais determinante, destacando-se nos diversos subgêneros jornalísticos, da reportagem, seu território de eleição, no contexto que precede uma entrevista ou em um texto argumentativo do editorial, quando utilizada como argumento de autoridade.

Neste sentido, cabe considerar a perspectiva de Leech e Carrol em *What's the News* de 1926 (citado por Ponte, 2005, p.29), onde afirmam que “a reportagem não deve ser apenas fotográfica. Deve ter aquelas pinceladas coloridas que tornam vivas as pessoas... deve dar uma percepção clara e um retrato artístico” Já na visão de Hughes, (citado por Ponte, 2005, p. 29): “uma classificação das histórias de interesse humano não pode ter a precisão ou exatidão de uma análise estatística”. No entanto, segundo os estudos de Potter (1996, citado por Lima, 2009, p. 150-152): “a descrição no exercício jornalístico pode perigar a sua a credibilidade, pelo recurso à narração em detrimento do mero relato”.

Nesse cenário, Lima (2009, p. 150-152) aborda os esforços de Gaudêncio Torquato para demonstrar a relevância do ato descritivo, ao distinguir cinco tipos de descrições geralmente utilizadas no jornalismo: “a pictórica, por soma de detalhes; a topográfica, que enfatiza normalmente massa e volume; a cinematográfica, que destaca o jogo de luzes e sombras; a prosopográfica, dirigida ao físico das personagens; e a cronológica, reveladora da época e de circunstâncias temporais”.

Deste modo, o jornalismo literário publicado inicialmente em revistas e semanais sob a forma de folhetins na década de 1960, não reivindicava apenas descrições estéticas, mas resgatava, com elas, a emoção da leitura, onde a emotividade foi um dos tabus quebrados pelo jornalismo literário. A dedicação desse tipo de jornalismo aos sentimentos humanos, pode ser observada na exemplificação de Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 148) remetendo em especial para o gênero da reportagem: “qualquer acontecimento forma um primeiro círculo, constricto [...]. Em torno desse primeiro círculo, está um segundo, formado pela ressonância emocional que o fato desperta. Ao redor do terceiro, encontra-se o ambiente imediato”.

Para Lima (2009), outro fundamento jornalístico-literário é a imersão ou aprofundamento, que consiste em uma dedicada e delicada investigação por parte do autor-jornalista para a compreensão e interpretação do fatos relacionados à vida dos seus personagens, onde é permitido ao autor imprimir na sua escrita a perspectiva autobiográfica ou o ponto de vista de um dos personagens:

A imersão serve ao objetivo de se investigar os padrões de comportamento dos personagens de uma história, para se compreender suas motivações, seus valores, a origem possível de determinadas atitudes, a consequência de uma postura. Nem sempre, naturalmente, há a necessidade de se empregar a imersão de um modo radical. Uma opção menos extremada, porém igualmente eficaz, em determinadas histórias é o que poderíamos chamar talvez de *imersão soft*. A técnica de captação mais apropriada para isso é o que Talese chama de *fly on the wall* e que prefiro denominar de *observação camuflada*, em contraste com a observação participante.

[...] O autor está embarcado numa missão de compreensão. Assim, não lhe interessa, em princípio, a verdade absoluta, isenta e imparcial, pois essa, no nível dos seres humanos comuns (quase todos nós), não existe. O que lhe move é compreender um tema a partir das perspectivas dos personagens nele mergulhados. Quando os personagens esposam perspectivas muito diferenciadas, até mesmo conflitantes, é seu papel expor essas múltiplas visões, se possível encontrando um ponto central que lhe permita colocar tudo em perspectiva maior, englobalizadora. Caso contrário, precisa muitas vezes contentar-se com a multiplicidade de significados sem fechar questão. (LIMA, 2009, p. 377-392).

A imersão requer a participação do autor na realidade observada, conforme abordado nas palavras de Edvaldo Pereira Lima sobre o assunto:

A imersão é vital. Como propósito-motriz do jornalismo literário é a compreensão da realidade, só há uma maneira de um bom repórter aquilatá-la melhor: mergulhando na própria. O autor precisa partir a campo, ver, sentir, cheirar, apalpar, ouvir os ambientes por onde circulam seus personagens. Precisa interagir com eles. Deve vivenciar parte da experiência de vida que eles vivem. É sua tarefa esforçar-se para vencer suas próprias barreiras e seus condicionamentos de percepção de mundo, alterando seu próprio olhar para o olhar dos outros personagens. Como um bom ator que encarna no palco seu personagem, o autor de livro-reportagem que deseja utilizá-lo no que tem de melhor, empregando o jornalismo literário, deve impregnar-se, em princípio, de tudo aquilo essencial do seu tema, das pessoas que vivem a realidade que escolheu retratar. Primeiro o autor mergulha no real, vive intensamente de corpo e alma, a experiência de vida dos personagens. Depois é que se afasta, reflete sobre a vivência, deixa as emoções, as instituições, e os pensamentos assentarem-se. E então escreve. (LIMA, 2009, p. 373).

Assim, nas palavras de Faria (2011, p. 5): “interessa ao jornalista relatar os acontecimentos que sejam dignos de menção, de modo imparcial, completo, conciso e verdadeiro. E, apesar de a maior dissemelhança consistir no propósito do texto escrito, a linguagem utilizada na crônica aproxima-se do estilo literário”.

Ao registrar produções de alto nível, o jornalismo literário, tornou-se numa nova literatura, embora não tenha sido aceita de forma unânime no jornalismo e na literatura. Em consequência, as técnicas utilizadas para investigar e escrever sobre a realidade obrigaram à fusão de procedimentos objetivos e subjetivos, que Lima (2009, p. 195) descreve: “à objetividade da captação linear, lógica, somava-se a subjetividade impregnada de impressões do repórter, imerso dos pés à cabeça no real”.

O autor ainda complementa que o jornalista deveria se dedicar a exploração dos temas sob diversas perspectivas, de modo a despertar o interesse, a surpreender e a esclarecer qualquer leitor sobre elas, mesmo que sejam mais bizarras ou complexas, dando-lhe um olhar novo sobre tudo.

Apesar da subjetividade ser inerente ao jornalista literário, o mesmo nunca poderá exceder-se, pois o aspecto moral e ético compromete-o com o lado objetivo, exigindo do mesmo a imparcialidade. O jornalista para compreender algo ou alguém, deverá investigar, entrevistar e conviver no mesmo meio que o protagonista da sua reportagem, artigo ou do seu estudo. Tal aproximação pode gerar um envolvimento natural entre o jornalista e o seu objeto de estudo. Ao finalizar a sua investigação, o jornalista deve se afastar para que sua escrita não seja influenciada por ideias pré-estabelecidas/manipuladas pelas recentes experiências, buscando evitar preconceitos e ultrapassar os estereótipos (LIMA, 2009).

Em sua obra, “O texto da reportagem impressa – um curso sobre sua estrutura” (2002) Oswaldo Coimbra apresenta um exemplo de subjetividade, onde o jornalista possui uma atitude de não pretender separar os próprios sentimentos daquilo, ou daquele sobre o que, ou quem escreve, transparecendo no perfil do campeão mundial dos pesos-pesados: Cassius Clay, publicado por Realidade em setembro de 1966:

Agora, seu nome é Mohamed Ali e ele se tornou símbolo de tudo o que se deve condenar: a arrogância, o fanatismo, que não conhece barreiras geográficas, nem diferença de línguas, nem cor de pele. Ele é o símbolo dos Mulçumanos Negros, uma das seitas mais perigosas da América, os assassinos de Malcon X; catequizaram-no, hipnotizaram-no. E o palhaço inofensivo se transformou em um vaidoso irritante, um fanático sombrio e obtuso que prega a segregação racial, maltrata os brancos que estão ao lado dos negros, ameaça os negros que estão ao lado dos brancos e pretende que os Estados Unidos lhe entreguem um território em nome de Alá. E do qual ele seja o chefe: É o sonho que lhe puseram na cabeça, aproveitando-se de sua ignorância, pois ele sabe esmurrar e só. (COIMBRA, 2002, p. 100).

Essa descrição de Cassius Clay, acaba misturando o que ele é de fato, com os sentimentos nutridos por ele por quem o descreveu, sendo marcada por um determinado ponto de vista mental: o subjetivismo. Tal descrição, apresenta-se marcada pela predisposição psicológica do observador, resultando em imagens muito diversas de um mesmo objeto.

No entanto, o eventual reconhecimento da subjetividade não anula a procura da exatidão no jornalismo. A exatidão constitui o elemento chave da notícia, ou seja, a informação como puro registro dos fatos, sem comentário nem interpretação, onde a busca das informações corretas é a primeira obrigação de cada jornalista, isto porque, o mesmo é responsável pelos estereótipos que estão em construção (COIMBRA, 2002).

2.1.1 A obra de memória

A história do gênero biografia surgiu de forma associada à historiografia do XIX que, a princípio, nem ao menos recebeu uma denominação. Afinal, ele resumia a própria disciplina. Assim, o modelo dessa forma de fazer história era aquele que consagrava ao profissional a capacidade de enaltecer o personagem que seria biografado. Dessa forma, histórias de reis, príncipes, senadores e governantes eram as mais recomendadas para todo aquele que quisesse dignificar seu personagem, mas também sua pátria e nacionalidade (SCHWARC, 2013).

No Brasil, o referido gênero foi amplamente praticado pelo Instituto Histórico e Geográfico que nasceu voltado ao enaltecimento do Império. Nessa fase, somente se faziam estudos de grandes vultos, assim como era prática do estabelecimento fazer biografia dos “outros próceros” e dos da “casa”. Neste sentido, ao lado das trajetórias de reis, rainhas, governadores gerais, literatos de fama, realizavam-se na rotina da instituição, relatos biográficos sobre os sócios locais. Assim, quando ocorria a morte de algum sócio, a regra local dizia que era preciso realizar uma peça biográfica que seria impressa nas páginas da revista do estabelecimento. A homenagem era dirigida à instituição e à própria nação e, como num jogo de dominó, que criava um elo entre todos os envolvidos na operação, além disso o objetivo primordial dessas biografias era sempre a exaltação (SCHWARC, 2013).

Essa exaltação, talvez por conta de sua origem tão marcada, e com o tempo considerada “desautorizada”, onde durante muito tempo passou por uma espécie de interdição ao gênero, que pareceu sinonimizar uma prática que deveria ser evitada e até rejeitada. Dessa maneira, observa-se que fazer biografias parecia ser, em si, um gesto conservador, quando não démodé, que em geral contava contra aquele que se dedicava a elas (SCHWARC, 2013).

Em síntese, o fato é que biografias continuam a constar no cardápio básico dos historiadores, e ganham, cada vez mais, um público leigo leitor. Neste contexto, cabe considerar que a ideia da biografia é registrar a vida de determinada pessoa considerando todos os seus pormenores. Neste sentido, observa-se a necessidade de diferenciar as narrativas biográficas, que tem em comum o foco em um personagem, conforme aponta Vilas Boas (2014, p.271): “texto biográfico não significa exatamente biografia [...]. Nem tudo que é biográfico é biografia, aliás. A biografia é uma composição detalhada de vários textos biográficos”.

Deste modo, surge o conceito de perfil, que corresponde a um texto biográfico sobre uma pessoa, viva, e que se concentra apenas em determinados aspectos de sua vida, ou seja, o oposto do que acontece na biografia:

No meu entender, os perfis são uma espécie de história de vida cuja proposta é desenhar o retrato de um momento selecionado, atual, do (s) protagonista (s). Naturalmente, elementos do passado surgem aqui e ali para contextualizar o presente, tal como esboços do futuro aparecem ocasionalmente. Mas o foco central da narrativa é o presente. (LIMA, 2002 citado por AGRIPINO-RAMOS, 2017, p.31).

Segundo Carino (1999, p.154), biografar é “descrever a trajetória única de um ser único original e irrepetível, é traçar-lhe a identidade refletida em atos e palavras; é cunhar-lhe a vida pelo testemunho de outrem; é interpretá-lo, reconstruí-lo, quase sempre revivê-lo”. Além disso, existe o mistério do singular, que se apresenta como um elemento constitutivo de grande relevância do imaginário cultural de qualquer sociedade.

A obra de memória não é feita em vão. Biografa-se com precisas finalidades: exaltar, criticar, demolir, descobrir, renegar, apologizar, reabilitar, santificar, dessacralizar. Essas finalidades e intenções fazem com que retratar vidas, experiências singulares, trajetórias individuais transforme-se, intencionalmente ou não, numa espécie de pedagogia do exemplo (CARINO, 1999).

Na perspectiva de Ricouer (1994, p. 169-171) a intenção de construção da narrativa biográfica próximo da verdade se apresenta como “uma das marcas da prática escrita dos historiadores, podendo ser percebida desde o momento da pesquisa documental, passando pela elaboração explícita até se consolidar na construção textual”. Tal percurso não é estranho à elaboração de uma biografia e o historiador-biógrafo não pode renunciar a tarefa de narrar uma história verdadeira a partir da observação de certos cânones constituintes da pesquisa histórica.

Dessa maneira, a sensação de controlar o curso da vida de seu personagem é, ao mesmo tempo, a força que dá sentido ao trabalho de construção do texto biográfico e seu maior risco, uma vez que, convencido de sua capacidade de penetrar nos acontecimentos e fatos relevantes de uma existência individual, onde o biógrafo se vê numa encruzilhada narrativa ao se deparar com lacunas documentais e perguntas sem respostas. Então, talvez, o biógrafo se dê conta da dimensão ficcional de toda biografia (AVELAR, 2011).

A escrita biográfica envolve uma narrativa de “movimentos encadeados e uma intriga codificada por fatos reais, interpretados” conforme destaca Del Priore (2009, p. 11). Assim, o texto escrito por um historiador-biógrafo deve contar a história real de uma vida, o que coloca o biógrafo no cerne da problemática da narrativa ou do seu retorno. O desenvolvimento da biografia nas últimas décadas é constantemente relacionado a este movimento de retomada da função narrativa do discurso histórico.

Neste sentido, Jacques Le Goff (1989, p. 1) afirma que “a biografia deve se fazer, ao menos em certo grau, relato, narração de uma vida, ela se articula em torno de certos

acontecimentos individuais e coletivos – uma biografia não *événementielle* não tem sentido”. Neste sentido, Levi (1996, p. 18) complementa:

[...] a biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmite à historiografia. Muito já se debateu esse tema, que concerne sobretudo às técnicas argumentativas utilizadas pelos historiadores. Livre dos entraves documentais, a literatura comporta uma infinidade de modelos e esquemas biográficos que influenciariam amplamente os historiadores.

Entretanto, a possibilidade de uma individualidade fixa, unitária e coerente parece se perder em meio a uma pluralidade de identidades, referências e locais. Assim, os indivíduos não podem mais ser enquadrados em esquemas conceituais definidos e em marcos teóricos pré-estabelecidos. Dessa forma, os inúmeros aspectos de uma vida não se encontram suscetíveis a uma narração linear, não se esgotam numa única representação, na ideia de uma identidade.

Ao construir biografias, é necessário se atentar aos perigos de formatar seus personagens e de induzir o leitor à expectativa ingênua de estar sendo apresentado a uma vida marcada por regularidades, repetições e permanências. A desconstrução desse arcabouço faz do biógrafo alguém que não aponta caminhos únicos, mas que descobre bifurcações, entroncamentos, cruzamentos de caminhos, que representam simultaneamente fronteiras e possibilidades (AVELAR, 2011).

A narrativa biográfica supõe uma modalidade de escrita da História profundamente sobreposta nas subjetividades, nos afetos, nos modos de ver, perceber e sentir do outro, o que se traduz como o maior desafio do trabalho biográfico: “ao falar do seu personagem, o biógrafo, de certa forma, fala de si mesmo, projeta algo de suas emoções, de seus próprios valores e necessidades (BORGES, 2009, p. 232).

Conforme aponta Avelar (2011), se o rigor do seu ofício garante ao biógrafo a legitimidade para tratar de seu personagem, suas motivações podem ser sempre colocadas em questão, como se percebe em Janet Malcolm, autora de um trabalho relevante sobre biografias e biógrafos da poeta Sylvia Plath:

O voyeurismo e a bisbilhotice que motivam tanto os autores quanto os leitores de biografias são encobertos por um aparato acadêmico destinado a dar ao empreendimento uma aparência de amenidade e solidez semelhantes às de um banco. O biógrafo é apresentado quase como uma espécie de benfeitor. Sacrifica anos de sua vida no trabalho, passa horas intermináveis consultando arquivos e bibliotecas, entrevistando pacientemente cada testemunha. Não há nada que não se disponha a fazer, e quanto mais o livro refletir sua operosidade [basta ver o tamanho da maior parte das biografias], mais o leitor acreditará estar vivendo uma elevada experiência literária [e “científica”, acrescento, no caso de biografias escritas por historiadores]

e não simplesmente ouvindo mexericos e lendo a correspondência alheia. (MALCOLM, 1995, p. 16-17).

Para Holmes (1985, p.83), a biografia “pode propiciar uma espécie de espelho ético, no qual podemos ver, com uma força súbita a nós mesmos e nossas vidas sob diferentes ângulos”. Contudo, é importante frisar que a biográfica tem sido marcada recentemente por discussões relacionadas aos princípios éticos sobre a sua escrita, por processos judiciais relacionados a possíveis violações de privacidade e de direitos de imagem. Tal fato ocorre simultaneamente em uma era em que o consumo de biografias e a publicização de fatos particulares movimentam um poderoso mercado editorial cada vez mais ávido de leitores e rendimentos, ou seja, ocorre um impasse entre o trabalho histórico-biográfico e os princípios éticos (AVELAR, 2011).

Segundo Bertê e Seibt (2016), a mesma questão é levantada quando a biografia se encontra ligada ao campo do jornalismo, onde é fundamental que a mesma seja também submetida à ética jornalística, da mesma forma que qualquer outra reportagem, a biografia deve ser embasada na veracidade dos fatos.

Para Fonseca e Vieira (2011), a biografia se encontra situada entre a história, jornalismo e a literatura, e no decorrer dos últimos anos vem passando por uma transformação de valorização e de representatividade por meio da abordagem histórica e social. O motivo condutor do gênero deixou de ser um problema e passou a ser visto como virtude. O contar da história baseada na trajetória de vida daqueles que a viveram, já foi considerada pela historiografia como um caminho inseguro, sob a perspectiva de que a busca por uma unidade do eu no relato biográfico se convertia em impossibilidade, onde a subjetividade relacionada ao relato biográfico se apresentava como objeto de desconfiança.

A partir dos anos 1980, surge a renovação decorrente de uma ampla reflexão no campo das ciências humanas, sobre os quais a história havia fundamentado seus avanços nas décadas de 1960 e 1970, o que resultou em uma nova luz para a biografia (MOTTA, 2000). Assim, a historiografia volta-se para o particular, com o objetivo de compreender a história como um todo, e o indivíduo também passa a ser visto como protagonista. Neste sentido, Verena Alberti descreve esse novo panorama da pesquisa histórica, em que a subjetividade adquire o valor de objeto do pensamento científico através da utilização da história oral na construção de fontes, onde:

A partir da virada das décadas de 1970-1980, apresentou-se um novo quadro na pesquisa histórica: temas contemporâneos foram incorporados à história (não mais reservada apenas ao estudo de períodos mais remotos); valorizou-se a análise qualitativa; experiências individuais passaram a ser vistas como importantes para a compreensão do passado (às vezes mais significativas do que as grandes estruturas

como os modos de produção); houve um impulso da história cultural e um renascimento da história política (esta última não mais a história dos “grandes feitos” dos “grandes homens”, mas o *locus* privilegiado de articulação do social, a ação dos atores e de suas estratégias) e revalorizou-se o papel do sujeito na história – portanto, da biografia. O relato pessoal (e a entrevista de história oral é basicamente um relato pessoal) transmite uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em dada sociedade. (ALBERTI, 2000, p. 1).

Ainda de acordo com a autora, a consolidação da história oral como metodologia de pesquisa encontra-se relacionada ao fato de a subjetividade e a experiência individual passarem a ser valorizadas como importantes componentes para a compreensão do passado. Dessa maneira o uso da biografia e dos métodos biográficos voltados para o estudo da história são bem aceitos pelo público atualmente, fazendo um grande sucesso que pode ser observado através do “boom editorial das biografias, não só no Brasil como em todo o mundo”. (ALBERTI, 2000, p. 2).

Esse “boom” editorial pode ser melhor compreendido por meio das palavras de Motta (2000), ao abordar sobre a crise da história política, contribui para a queda da biografia, a volta do político levou a sua ascensão. Em outras palavras, não há como ignorar o “boom” de biografias no mercado editorial, ocupando os primeiros lugares na lista dos best-sellers, além de provocar o surgimento de seções especializadas nas livrarias e bibliotecas. O referido autor, ainda ressalta que o voyeurismo e a avidez em conhecer a intimidade de pessoas famosas, servem em grande parte para justificar o sucesso desse tipo de literatura.

Para Leonor Arfuch o “boom” biográfico da biografia propriamente dito e os relatos de experiência, são de certa forma, coletivos, expressões de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade, onde “é essa a qualidade coletiva como marca impressa na singularidade, que torna relevantes as histórias de vida, tanto nas formas literárias tradicionais quanto nas midiáticas e nas das ciências sociais” (ARFUCH, 2010, p. 100).

2.2 Biografia como gênero jornalístico

A biografia possui em sua gênese a vertente literária, sendo classificada por Dosse, (2009) como um gênero “impuro”. A realidade da vida encontra-se na abordagem ficcional da obra uma maneira de se estabelecer como um relato. Dentro deste contexto, cabe ressaltar que a subjetividade para a literatura não é um problema, como ocorre na história, mas uma circunstância inerente ao gênero, como no romance. Já no campo literário, o hibridismo biográfico é uma característica a ser aceita e trabalhada para alcançar a excelência.

No estudo de Vieira (2011, p. 9): “a biografia como gênero não é simples, não se enquadra, não se encaixa simplesmente em uma classificação. Híbrido, impuro, de fronteira, são alguns dos predicados que acompanham o gênero desde a sua constituição como tal”. Desse modo, ao mesmo tempo que se define como gênero, o significado de narrar uma vida, evidencia a dimensão e a complexidade do conceito de história de vida. Tal conceito se encontra fundamentado na hipótese de que a vida pode ser concebida por meio de uma narrativa/relato, percorrendo uma trajetória com etapas pontuadas, por início, meio e fim, como em qualquer história.

Quanto a progressão linear do passado, presente e futuro, Leonor Arfuch apresenta a reflexão de Benveniste, que vai além da instância comunicativa:

Poderia acreditar que a temporalidade é uma moldura inata do pensamento. Ela é reproduzida na realidade na enunciação e por ela. Da enunciação procede a instauração da categoria do presente [...] [que] é propriamente a fonte do tempo. É essa presença no mundo que só o ato de enunciação torna possível, pois – pense-se bem – o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torna-lo atual. (BENVENISTE, 1983 citado por ARFUCH, 2010, p. 114).

Nesta perspectiva, Vieira (2011, p. 9) apresenta a observação de Ricoeur: “a vida se dá como construção narrativa sob a lembrança e o esquecimento, sob a sombra da memória, e está se faz no esvanecer do tempo e do espaço, deixando rastros e lacunas que se sucedem e enredam o fio a história perseguida pelo pesquisador”.

Dosse (2009, p. 5), esclarece esse lugar de tensão em que a biografia se encontra inserida:

Gênero híbrido, a biografia se situa em tensão constante entre a vontade de reproduzir o vivido real passado, segundo as regras da *mimesis*, e o pólo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo segundo a sua intuição e talento criador. Essa tensão não é, decerto, exclusiva da biografia, pois encontramos no historiador empenhado em fazer história, mas é guindada ao paroxismo no gênero biográfico, que depende ao mesmo tempo da dimensão histórica e da dimensão ficcional.

A complexidade da biografia, inserida no conflito entre o histórico e o ficcional, está no centro de estudos da história, da literatura, da antropologia, da psicologia, na sociologia e na comunicação. No âmbito da comunicação, especificamente no jornalismo, a biografia é confrontada com os princípios técnicos e deontológicos do campo jornalístico, o seu *ethos* (VIEIRA, 2011).

No trabalho realizado por Mittelman (2014), o autor ressalta que a relação entre o jornalismo e a literatura é antiga, além de citar exemplos nacionais, como Machado de Assis,

que iniciou sua carreira como aprendiz de tipógrafo e, enquanto escrevia e publicava seus versos e novelas, trabalha também como revisor de jornal. Os autores Lima Barreto e José de Alencar também são outros exemplos de autores que exerceram a profissão tanto de jornalistas como de escritores.

Apesar da extensa produção biográfica elaborada por jornalistas no Brasil, o estudo do gênero no âmbito jornalístico ainda se encontra em estágio inicial. Vilas Boas (2006) em seu trabalho de dissertação realizado na Universidade de São Paulo (USP), é considerado como o principal autor sobre o assunto no jornalismo, onde analisa a produção brasileira da biografia elaborada por jornalistas, e propõe o seu aperfeiçoamento. Sua dissertação, concentra-se na análise do modo de operação dos jornalistas-biógrafos, e em como estes profissionais utilizam os recursos jornalísticos comparativamente à narrativa biográfica relacionada as áreas de história, literatura, sociologia e psicologia:

Investiguei, por exemplo, se Chatô, Mauá e Estrela Solitária continham os fundamentos das reportagens narrativas especiais (para jornais ou para livros) típicas do Jornalismo Literário ou Literatura da Realidade ou Creative Nonfiction. Observei o emprego ou não das principais técnicas dessa modalidade de jornalismo; e tracei paralelos contextuais a partir de depoimentos de outros biógrafos experientes, jornalistas e não-jornalistas. (VILAS BOAS, 2006, p. 13).

Por meio desses depoimentos Vilas Boas, estabelece o que chama de características do discurso de jornalistas-biógrafos, que pode ser observada nesse trecho:

A negação da tradição do biógrafo como catedrático defensor de tese (s) sobre o biografado, a preferência por narrar a vida de pessoas falecidas há algum tempo e a crença de que a vida do biografado é o que escreveram porque acreditam no que escrevem e por que a verdade é a base de uma biografia – logo, o que escrevem é verdade”. (VILAS BOAS, 2006, p. 12-13).

Posteriormente em sua tese, o autor desenvolve o que ele denomina de metabiografia, uma proposta experimental, onde discute o biografismo com a personagem que escolheu “biografar”, o jornalista Alberto Dines. Além disso, ele ainda deixa evidente que não acredita na possibilidade de uma biografia jornalística, e que no decorrer de sua pesquisa essa hipótese se tornou “insustentável porque é imensa a variedade de intercâmbios possíveis entre diversas áreas que podem contribuir para o conhecimento do indivíduo humano e para a biografia em particular” (VILAS BOAS, 2006, p. 15). Neste cenário, o autor opta por seguir a trilha da multidisciplinaridade característica da narrativa biográfica, e ainda propõe o que chama de seis tópicos para o aperfeiçoamento do jornalismo biográfico.

Segundo Vilas Boas (2006) os jornalistas-biógrafos se encontram limitados a algumas convenções de uma escrita biográfica, como os cânones de Dosse (2009), que acabam

impedindo a percepção da necessidade de um salto qualitativo no que se refere à produção de biografias:

Limitações? Sim, a repetição de convenções tácitas que estreitam a percepção do jornalista-biógrafo em relação às possibilidades do biografar. Uma limitação de ordem filosófica se evidencia pela superficialidade com que um autor visualiza/sente a experiência humana e o significado da escrita biográfica. Em uma palavra: cosmovisão. (Esse estreitamento pode estar ligado também ao modo de pensar das empresas jornalísticas, das editoras de livros, dos jornalistas-biógrafos e dos articulistas que escrevem sobre biografias em jornais, revistas e sites.) [...] E a limitação de ordem narrativa? É o estreitamento do campo de visão do biógrafo em relação às possibilidades narrativas – ou seja, em relação aos modos de expressão (forma) possíveis da biografia. Esse estreitamento tanto pode ser causa quanto consequência das limitações filosóficas apontadas anteriormente, como veremos. (VILAS BOAS, 2006, p. 20).

Dessa maneira, o autor consegue estabelecer quatro limitações filosóficas relacionadas ao modo de pesquisar e captar do jornalista: descendência; fatalismo; extraordinariedade; e verdade. Além de duas limitações relacionadas ao modo de expressar: transparência e tempo. Para discutir e exemplificar cada um destes tópicos, Vilas Boas trabalha com trechos das biografias JK, o artista impossível, de Claudio Bojunga; O anjo pornográfico, a vida de Nelson Rodrigues, de Ruy Castro; Fidel Castro uma biografia consentida (2 tomos), de Cláudia Furiati; e ainda retomou as biografias utilizadas na dissertação: Chatô, o rei do Brasil, de Fernando Morais; Mauá, empresário do império, de Jorge Caldeira; e Estrela solitária, um brasileiro chamado Garrincha, de Ruy Castro. Assim, o autor articula a análise dessas produções paralelas as escritas de seus diálogos com Alberto Dines, onde constrói a sua “biografia da biografia, separando e questionando alguns vícios dos jornalistas-biógrafos (VILAS BOAS, 2006).

Ainda em sua tese, Vilas Boas sugere que a metabiografia se torna possível quando o biografado se encontra vivo, sendo capaz de discutir o processo, pois: “o biografado morto, principalmente na biografia tradicional não-autorizada e cartesiana, possui voz, mas não fala por si, não se constitui, não se ressignifica” (VILAS BOAS, 2006, p. 201).

Cabe ainda considerar que o autor defende a transparência dos processos pelo jornalista, que poderia compartilhar da construção, e se tornar mais consciente e preparado sobre o seu relacionamento com o biografado vivo ou morto. Na perspectiva narrativa, ele justifica a prática de uma biografia construída como um hipertexto, onde a narração se daria por meio da articulação de um conjunto de perfis, em que cada um seria formado por uma “faceta/episódio” do personagem, concluindo assim, a impossibilidade de se alcançar uma totalidade na biografia (VILAS BOAS, 2006, p. 11).

Portanto, observa-se que a contribuição de Vilas Boas para a discussão do biografismo no campo jornalístico é de suma importância, por evidenciar a riqueza de nuances do tema, na busca do aperfeiçoamento de uma narrativa própria, caso ela seja possível e principalmente, por trabalhar de forma consciente na formação de um referencial teórico e conceitual, ou seja, o biografismo “bebe” do jornalismo literário para materializar a escrita biográfica.

Ao tratar a biografia como objeto de pesquisa, se torna necessário analisar como o tema vem tem sido debatido em pesquisas da área. No trabalho realizado por Sobral e Bulhões (2016) sobre o uso de biografias e autobiografias de jornalistas como fonte documental para a pesquisa e levantamento de dados sobre a profissão de jornalista. Para tanto, os autores consideraram que o boom de lançamentos de biografias escritas por jornalistas tem despertando o interesse pelo estudo da biografia como uma modalidade pertencente ao gênero jornalístico, em especial ao jornalismo literário, com embasamento na discussão sobre a fixação da biografia entre o jornalismo, a história e a literatura (SOBRAL; BULHÕES, 2016).

Em sua dissertação Vieira (2015) procurou compreender a constituição de biografia como gênero jornalístico, por meio da apropriação que os jornalistas fazem sobre o gênero definindo sua produção como um trabalho de reportagem. Assim, a autora trouxe para o seu estudo a compreensão da reportagem como texto jornalístico de referência à biografia praticada por esses profissionais e que se encontra inscrita na instância interna do quadrante formado pelo acontecimento relatado e o acontecimento comentado, em que a prática de investigação e apuração lhe confere condições de credibilidade de informação. Além disso, as qualidades da estrutura narrativa do relato satisfazem às condições de sucção da finalidade de captação, que por sua vez se apresentam como dramatizações destinadas a tocar a afetividade do espectador.

Importante ressaltar que apesar de inúmeras produções biográficas elaboradas por jornalistas no Brasil, os estudos relacionados a biografia como gênero jornalístico no país, são pouco abordados na literatura científica, o que justifica a dificuldade de encontrar trabalhos relacionadas a essa temática, visto que muitos autores abordam a biografia no contexto do livro-reportagem.

2.2.1 Panorama do mercado editorial de biografias: jornalistas-biógrafos e personagens biografados

Segundo Pena (2006) é cada vez maior o interesse pelo estudo da biografia como modalidade do jornalismo literário, principalmente no que se refere a uma discussão sobre a fixação da biografia entre o jornalismo, a história e a literatura. Dentro deste contexto, ainda

cabe considerar a autobiografia, por se tratar de uma modalidade textual pertencente ao jornalismo literário.

Tal interesse pode ser justificado pelos dados publicados em 2020 pela redação do Portal R3: “segundo dados da *Nielsen Bookscan*, o lançamento de livros de memórias em 2017 fez o segmento disparar em vendas no país e crescer 23,4% em relação a 2016, com uma alta de 8% no número de exemplares vendidos. Para fins de comparação, o setor de livros como um todo cresceu apenas 6%.

Dessa maneira, Meireles (2018, online), complementa que: “as cinco biografias mais vendidas do ano foram livros de memórias-gênero muito mais comuns no mercado anglo-saxão do que aqui, mas que, quando traduzido, não costuma ter o mesmo sucesso que os nacionais agora têm”.

Já no aspecto comercial e de produção, Meireles (2018, online), ressalta que existe uma vantagem prática nos livros de memórias: “enquanto biografias de mais fôlego de um Ruy Castro, um Lira Neto ou um Mário Magalhães podem demorar dez anos ou mais para ficarem prontas, uma obra de memória é concretizada mais rápido”.

De acordo com dados levantados pela quarta edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Ibope Inteligência para o Instituto Pró-Livro (IPL) em 2015 e realizada a cada quatro anos, cerca de 35 milhões de brasileiros consomem obras de memórias e biografias – número equivalente a quase 40% do universo de leitores (PORTAL R3, 2020).

Ainda segundo dados publicados no Portal R3 (2020), a tendência de crescimento continuou nos últimos anos e a quinta edição pesquisa do Instituto Pró-Livro (IPL) revelou que ainda que o Brasil tenha perdido parte dos seus leitores, a média de livros lidos por eles aumentou de 4,54 para 4,95. Cabe ainda ressaltar que, cerca de 54% do público feminino se identifica como leitora, frente a 50% do público masculino, e impressionantes 82% dos entrevistados afirmaram que gostariam de ter lido mais, o que indica que os números devem crescer nos próximos quatro anos.

Nessa perspectiva, Spalding (2017), ressalta que do ponto de vista comercial as biografias se apresentam como um bom investimento, já que os brasileiros apreciam esse tipo de livro, por conter histórias polêmicas e engraçadas de personalidades, que captam espaço nas prateleiras, além de contribuir para a formação de novos leitores.

Assim, norteado por uma questão de memória e com a problemática de que “constantemente, a imprensa trata de pessoas que o leitor já de alguma forma conhece, antes mesmo de ler em um ou outro texto sobre elas, unicamente por estar inserido na mesma cultura a que tais pessoas pertencem” (COIMBRA, 2002, p. 74).

Dessa maneira, tal embasamento pode ser explicado por meio das palavras de Vagner Fernandes (2013, online) “[...] ninguém se interessa em biografar um personagem do cotidiano que em nada explica (ou interfere) a evolução social, cultural, política ou econômica de uma nação. Escrever sobre Collor e não dizer que ele sofreu um impeachment pelas atrocidades que cometeu é manipular a história”.

Neste contexto, a quinta edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil teve como objetivo conhecer o comportamento do leitor mediando a intensidade, forma, limitações, motivação e representações das condições de leitura e de acesso ao livro, seja ele, impresso ou digital pela população brasileira. Essa edição também teve como foco, identificar os hábitos dos brasileiros especificamente em relação à literatura. Assim, foram realizadas 8.076 entrevistas em 208 municípios no período de outubro de 2019 a janeiro de 2020. Para a coleta de informações, foram realizadas entrevistas domiciliares face a face, com registro das respostas em tabletes.

Segundo dados apresentados pela quinta edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo IBOPE para o IPL com dados coletados nos anos de 2019 e 2020, apontam que no Brasil, existem cerca de 100 milhões de leitores, que compõem 52% da população. Tais leitores são, em números absolutos, não estudantes (61,2 milhões), da classe C, D e E (70 milhões) e de renda familiar entre um e cinco salários mínimos (76,3 milhões) (ABE, 2020).

Ao analisar os termos em porcentagens, é possível perceber o maior número de leitores entre os que possuem Ensino Superior (68%), da classe A e B (67 e 63%, respectivamente), e de renda familiar de mais de 10 salários mínimos (70%) (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020).

A referida pesquisa ainda revelou que houve uma queda de cerca de 4,6 milhões de leitores entre 2015 e 2019. A pesquisa considerou como leitor toda pessoa que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos 3 meses antes de sua realização. Ainda que o Brasil tenha perdido parte dos seus leitores, a média de livros lidos por eles aumentou de 4,54 para 4,95. Além dos dados apresentados, cerca de 54% do público feminino se identifica como leitora, diante de 50% do público masculino, e 82% dos entrevistados relataram que gostariam de ter lido mais, o que indica que os números devem crescer nos próximos quatro anos (ABE, 2020).

No que se refere as biografias, a pesquisa revelou que no gênero que mais costuma ler, dos 2.506 entrevistados em 2011 apenas 11 escolheram a biografia; já em 2015, dos 2.798 entrevistados, 8 escolheram a biografia; e em 2019, dos 4.270 entrevistados, somente 9 escolheram a biografia (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020).

Já as biografias escritas sobre personagens, Cunha (2006) ressalta que a vida dessas

personalidades inspira as pessoas, e passam uma imagem de trajetórias que deram certo, o que justificaria o sucesso e a identificação do público. Além disso, os textos biográficos são marcados pela narração e seguem a ordem cronológica dos acontecimentos da vida da pessoa biografada.

Dentro deste contexto, Carino (1999, p. 153) complementa:

Por que fascinam as biografias? Antes, talvez se devesse perguntar: por que fascinam as trajetórias individuais? A fascinação não advém da singularidade? Provavelmente. Cada vida é una, indivisível, irrepetível, intransmissível. O fascínio pelo Uno é ancestral, remonta às origens da própria Filosofia. O Uno contraposto ao Múltiplo gerou elucubrações situadas na base de todos os esforços metafísicos. Desde os filósofos denominados pré-socráticos, essa mística do Uno foi transformada em motivo de reflexão acerca da natureza do universo: o Uno seria a propriedade de tudo que é, do universo como Unidade. Opondo-se ao Múltiplo, que é ilusão e opinião, o Uno seria verdade, simplicidade, uniformidade e identidade pura.

Cabe ainda considerar que comumente o leitor relaciona a escrita de biografias com pessoas famosas, como cantores, artistas, esportistas, políticos, dentre outros, já que a narrativa de vida de personalidades de áreas distintas atrai a curiosidades e gera a procura. Dessa forma, é de suma importância que o leitor entenda de forma clara cada etapa da vida da pessoa retratada em uma biografia e consiga entender o contexto social, ou seja, à época, costumes, influência da política e dos acontecimentos históricos nos episódios narrados (CAMPOS, 2021).

Já as biografias escritas por jornalistas estão conquistando espaço no mercado editorial ao longo das últimas décadas, pois conforme aponta Souza (2008) o número de publicações deste tipo de conteúdo tem crescido cada vez mais, sendo atualmente considerado o segmento do mercado editorial mais lido dentre a literatura de não ficção. Além disso, Vilas Boas (2006, p. 12) destaca que no Brasil e no mundo, muitos jornalistas passaram a se dedicar exclusivamente a escrever biografias e/ou participar da produção de documentários biográficos audiovisuais, radiofônicos e, a partir do final dos anos noventa, também para a Internet”.

Dessa forma, é possível perceber a contribuição do jornalismo para a produção biográfica. Por meio do jornalismo literário, conceitos de memória e de identidade são resgatados para mostrarem como são necessários à produção biográfica, e o próprio método biográfico é estudado para posteriormente se chegar ao ponto de descobrir como o jornalismo pode ajudar no resgate do humano pelo biógrafo (SOUZA, 2008).

Dentre os principais jornalistas biógrafos brasileiros e suas obras cabe destacar os nomes de Alberto Dines, Audálio Dantas, Fernando Moraes, Juremir Machado, Laurentino Gomes, Lira Neto, Luis Nassif, Mário Magalhães, Regina Zappa Zahar, Ruy Castro e Wagner William, e suas respectivas obras e personagens biografados, conforme dispostos no Quadro 1:

AUTOR	TÍTULO	PERSONAGEM BIOGRAFADO	PERFIL DO PERSONAGEM BIOGRAFADO
ALBERTO DINES	MORTE NO PARAÍSO. A TRAGÉDIA DE STEFAN ZWEIG	STEFAN ZWEIG	ESCRITOR ALEMÃO
	O BAÚ DE ABRAVANEL: UMA CRÔNICA DE SETE SÉCULOS ATÉ SILVIO SANTOS	SILVIO SANTOS	APRESENTADOR E EMPRESÁRIO
AUDÁLIO DANTAS	A INFÂNCIA DE GRACILIANO RAMOS	GRACILIANO RAMOS	ROMANCISTA
	O MENINO LULA	LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA	EX PRESIDENTE
	A INFÂNCIA DE ZIRALDO	ZIRALDO ALVES PINTO	CARTUNISTA, CARICATURISTA, ESCRITOR, CRONISTA, DESENHISTA
FERNANDO MORAES	OLGA	OLGA BENÁRIO	MILITANTE COMUNISTA ALEMÃ
	CHATÔ, O REI DO BRASIL	ASSIS CHATEUBRIAND	JORNALISTA/ESCRITOR/ADVOGADO
	O MAGO: A INCRÍVEL HISTÓRIA DE PAULO COELHO	PAULO COELHO	ESCRITOR/LETRISTA/JORNALISTA
JUREMIR MACHADO	A MEMÓRIA E O GUARDIÃO: EM COMUNICAÇÃO COM O PRESIDENTE DA REPÚBLICA: RELAÇÃO, INFLUÊNCIA, RECIPROCIDADE E CONSPIRAÇÃO NO GOVERNO JOÃO GOULART	JOÃO GOULART	ADVOGADO, POLÍTICO BRASILEIRO, EX-PRESIDENTE
	GETÚLIO ROMANCE	GETÚLIO VARGAS	POLÍTICO BRASILEIRO, EX- PRESIDENTE
	JANGO: A VIDA E A MORTE NO EXÍLIO	JOÃO GOULART	ADVOGADO, POLÍTICO BRASILEIRO, EX-PRESIDENTE
LAURENTINO GOMES	ESCRAVIDÃO	CAPTURE DE ESCRAVOS PELOS PORTUGUESES	ESCRAVIDÃO
	1808 COMO UMA RAINHA LOUCA, UM PRÍNCIPE MEDROSO E UMA CORTE CORRUPTA ENGANARAM NAPOLEÃO E MUDARAM A HISTÓRIA DE PORTUGAL E DO BRASIL	D. MARIA DE PORTUGAL, D. JOÃO VI, NAPOLEÃO BONAPARTE, CARLOTA JOAQUINA	HISTÓRIA DO BRASIL
	1822 COMO UM HOMEM SÁBIO, UMA PRINCESA TRISTE E UM ESCOCÊS LOUCO POR DINHEIRO AJUDARAM D. PEDRO A CRIAR O BRASIL- UM PAÍS QUE TINHA TUDO PARA DAR ERRADO	PEDRO I DO BRASIL, JOSÉ DE BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA, DONA LEOPOLDINA, LORD COCHRANE, MARQUESA DE SANTOS	HISTÓRIA DO BRASIL
	1889 COMO UM IMPERADOR CANSADO, UM MARECHAL VAIDOSO E UM PROFESSOR INJUSTIÇADO CONTRIBUÍRAM PARA O FIM DA MONARQUIA E A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA NO BRASIL	D. PEDRO I, D. PEDRO II, DEODORO DA FONSECA, BENJAMIN CONSTANT DE MAGALHÃES	HISTÓRIA DO BRASIL
LIRA NETO	GETÚLIO 1945-1954	GETÚLIO VARGAS	POLÍTICO BRASILEIRO, EX- PRESIDENTE
	GETÚLIO 1930-1945	GETÚLIO VARGAS	POLÍTICO BRASILEIRO, EX- PRESIDENTE
	GETÚLIO 1882-1930	GETÚLIO VARGAS	POLÍTICO BRASILEIRO, EX- PRESIDENTE
	PADRE CÍCERO: PODER, FÉ E GUERRA NO SERTÃO	CÍCERO ROMÃO BATISTA	SACERDOTE
	MAYSA: SÓ NUMA MULTIDÃO DE AMORES	MAYSA MATARAZZO	CANTORA
	O INIMIGO DO REI: UMA BIOGRAFIA DE JOSÉ DE ALENCAR	JOSÉ DE ALENCAR	ESCRITOR, JORNALISTA E POLÍTICO BRASILEIRO
	CASTELLO: A MARCHA PARA A DITADURA	HUMBERTO DE ALENCAR CASTELLO BRANCO	POLÍTICO BRASILEIRO, EX- PRESIDENTE
	O PODER E A PESTE: A VIDA DE RODOLFO TEÓFILO	RODOLFO TEÓFILO	ESCRITOR, FARMACÊUTICO E PIONEIRO DA SAÚDE PÚBLICA
LUIS NASSIF	WALTHER MOREIRA SALLES: O BANQUEIROEMBAIXADOR E A CONSTRUÇÃO DO BRASIL	WALTHER MOREIRA SALLES	EMPRESÁRIO, BANQUEIRO, DIPLOMATA E ADVOGADO
MÁRIO MAGALHÃES	MARIGHELLA: O GUERRILHEIRO QUE INCENDIOU O MUNDO	CARLOS MARIGHELLA	POLÍTICO, ESCRITOR E GUERRILHEIRO COMUNISTA BRASILEIRO

	OS AVIÕES FICARAM NO CHÃO: PARTE INTEGRANTE DO LIVRO MARIGHELLA	CARLOS MARIGHELLA	POLÍTICO, ESCRITOR E GUERRILHEIRO COMUNISTA BRASILEIRO
	SOBRE LUTAS E LÁGRIMAS: UMA BIOGRAFIA DE 2018	MARIELLE FRANCO, JAIR BOLSONARO E LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA	POLÍTICOS BRASILEIROS
REGINA ZAPPA ZAHAR	HUGO CARVANA	HUGO CARVANA DE HOLLANDA	ATOR DE DIRETOR DE CINEMA
	AMARO DA MARÉ	AMARO DA MARÉ	POLÍTICO BRASILEIRO
	PAULO CASÉ - 80 ANOS: VIDA, OBRA E PENSAMENTO	PAULO CASE	ARQUITETO BRASILEIRO
	CHICO BUARQUE PARA TODOS	CHICO BUARQUE DE HOLLANDA	MÚSICO, DRAMATURGO, ESCRITOR, ATOR.
	PARA SEGUIR MINHA JORNADA: CHICO BUARQUE	CHICO BUARQUE DE HOLLANDA	MÚSICO, DRAMATURGO, ESCRITOR, ATOR.
RUY CASTRO	CARMEN: UMA BIOGRAFIA	CARMEN MIRANDA	CANTORA E ATRIZ BRASILEIRA/PORTUGUESA
	ESTRELA SOLITÁRIA: UM BRASILEIRO CHAMADO GARRINCHA	MANUEL DOS SANTOS /GARRINCHA	FUTEBOLISTA BRASILEIRO
	O ANJO PORNOGRÁFICO: A VIDA DE NELSON RODRIGUES	NELSON RODRIGUES	ESCRITOR/JORNALISTA
WAGNER WILLIAM	UMA MULHER VESTIDA DE SILENCIO: A BIOGRAFIA DE MARIA THEREZA GOULARD	MARIA THEREZA GOULARD	EX PRIMEIRA DAMA
	O SOLDADO ABSOLUTO: UMA BIOGRAFIA DO MARECHAL HENRIQUE LOTT	HENRIQUE DUFFLES BAPTISTA TEIXEIRA LOTT	MILITAR E POLÍTICO BRASILEIRO

Quadro 1: Jornalistas biógrafos, respectivas obras e personagens biografados.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Importante frisar que os dados do Quadro 1 foram coletados por meio de um levantamento preliminar de obras escritas por jornalistas biógrafos brasileiros na imprensa em geral e disponibilizados de forma aberta na internet. Considerando que nem todas as obras publicadas no gênero em sua apresentação estão classificadas desta maneira, por se tratarem de narrativas biográficas.

De acordo com os dados apresentados no Quadro 1, observa-se que a maioria dos personagens biografados se tratam de personalidades políticas, devido a curiosidade e interesse, em geral, na história de vida de políticos, celebridades, mafiosos e empresários está mais ligada ao peso social que tiveram através de seus feitos. Como exemplo, cabe citar o livro de memórias do ex-presidente americano Barack Obama, "*A Promised Land*", que vendeu 887 mil cópias nos Estados Unidos e no Canadá nas primeiras 24 horas desde que foi lançado (UOL NOTÍCIAS, 2020).

Durante esse percurso, foram constatadas as seguintes percepções: na Pesquisa de Desempenho Real do Mercado Livreiro de 2018 realizada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) com dados coletados de 2006 a 2018 não cita o ranking de vendas das biografias separadamente, as mesmas se encontram acopladas no setor de obras gerais; na Pesquisa do Livro em Minas Gerais de 2015 da CBL (mais recente publicada) as biografias não

são citadas; na Pesquisa/Produção e Vendas no setor editorial brasileiro de 2018 realizada pela FIPE, CBL e SNEL (mais recente publicada) não cita o nome das obras biográficas, somente o número de exemplares vendidos em 2017 e 2018; e a quinta edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL), Itaú Cultural e Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) de 2020, traz somente dados quantitativos das biografias, mas não especifica que tipo de biografia, autores e editoras.

As únicas fontes que apresentam dados sobre o ranking de vendas de biografias, não são consideradas fontes academicamente confiáveis, como no site da *publishnews*, contudo, o site apenas apresenta dados de 2021 e não possui um setor específico para biografias, somente classifica as obras em ficção e não ficção, além de não possuir todos os dados necessários para a realização da primeira proposta de pesquisa.

Já o site da Livraria Saraiva apresenta uma relação das biografias mais vendidas, entretanto não apresenta um ranking de vendas, o único local que apresentou um ranking mais completo foi no site da Amazon[®], que também não pode ser considerada como uma fonte confiável, visto que pode ser um ranking enviesado pela empresa.

Neste sentido, o mapeamento das biografias escritas por jornalistas auxiliou na definição do recorte desta pesquisa: a ênfase na trilogia de Getúlio e a repercussão destas obras de Lira Neto a partir das críticas coletadas. Tal recorte pode ser explicado, pelas biografias da trilogia “Getúlio” se adequarem bem ao propósito do trabalho, além da trajetória de Getúlio Vargas, por ser um grande nome da história recente da política brasileira, tendo sido o presidente que mais tempo ficou no poder.

3 A BIOGRAFIA DE MEMÓRIA

Neste capítulo é tratada a biografia como memória, os personagens políticos biografados, seu lugar na história, o sujeito histórico, políticos na história e história dos políticos, destacando as biografias de Getúlio Vargas escritas por Lira Neto. Além disso, o presente capítulo trata de como o biógrafo Lira Neto relata o processo de apuração nas biografias e/ou entrevistas sobre as suas respectivas produções, além de refletir sobre a história de vida no jornalismo.

3.1. A biografia como memória do personagem político

A biografia apresenta-se como uma prática narrativa que envolve a seleção, descrição e análise de uma trajetória individual por meio de diversos enfoques e metodologias que permitem sua incorporação através do romance histórico, de memórias pessoais como autobiografias e testemunhos, da literatura escolar e das biografias propriamente ditas (VILAS BOAS, 2008).

Dessa forma, conforme aponta Vilas Boas (2008) a construção de uma biografia necessita de um diálogo com diferentes formas de controle simbólico do tempo e da individualização nas sociedades humanas, com o intuito de traduzir uma experiência de duração e estruturas imaginativas que relacionam uma vida e suas relações com a cultura na qual se insere uma “vida póstuma” onde mortos e vivos dialogam por meio da herança dos mortos e das carências dos vivos. Conforme aponta Silva (2009, p. 153) “a existência de uma biografia é sintoma dessa curiosidade na qual diferentes espectadores e narradores se envolvem em concessões ao voyeurismo”.

Diante das discussões teóricas relacionadas a legitimidade dos métodos e das ambições das biografias enquanto manifestação cultural, visto que tal fato tem sido pouco estudado no meio acadêmico, devido à crescente demanda sociocultural pelas publicações de natureza biográfica, onde intelectuais, políticos, aventureiros, cientistas, poetas, escritores e artistas passam a ser alvo da curiosidade pública sobre esses indivíduos, ou em sua época na esperança de encontrar outro reflexo de si mesmo não tem sido encarada como objeto (VILAS BOAS, 2008).

No que se refere a produção bibliográfica do biografismo no Brasil, o mesmo vincula-se a uma humanização da história e a criação de uma pedagogia moral e cívica, com um volume pequeno ao ser comparado com outros biografismos nacionais de obras que a partir de

metodologias e enfoques semelhantes na produção historiográfica, no romance histórico, nas memórias pessoais, na literatura escolar e nas biografias no sentido estreitos do termo (SILVA, 2009).

Entretanto, a reconstrução de uma trajetória individual apresenta a percepção de uma rede de relações a partir da ideia de individualidade, com diferentes temporalidades, vínculos e pertencimentos voltados tanto sobre quem se escreve, quanto sobre quem escreve e para quem escreve (VILAS BOAS, 2008).

Neste sentido, o que interessa neste estudo é a forma como a memória, quer como notoriedade quer como esquecimento, é construída no decorrer do tempo e no interior de diferentes grupos, assim, é inevitável perceber que muitos livros ou autores que gozam de igual prestígio em um mesmo período podem ter destino distinto ao longo tempo, enquanto uns conseguem manter vivo o interesse que despertam e levar à busca do aprofundamento e da renovação do conhecimento sobre estes, outros autores se destacam e são redimensionados de forma negativa e abandonados ao esquecimento/indiferença (SILVA, 2009).

Nesta perspectiva, Silva (2009) complementa que:

Construção, afirmação e desaparecimento de uma obra se relacionam com um tempo de apropriação, de definição de um cânone literário, no qual o tempo da memória, diferenciado do tempo cronológico, se relaciona com uma dinâmica dual de aproximação e afastamento - o autor e o texto são sacralizados, tornam-se referências obrigatórias, modelos e exemplos, mas passam a serem mais reverenciados do que lidos, mais imaginados do que conhecidos, domínio de uma monumentalidade que os afasta da realidade mundana e os transformam em produtos da imaginação criadora. (SILVA, 2009, p. 155).

Paralelamente é possível perceber o mesmo padrão com os personagens que a história oficial acolhe como símbolos cívicos, em um processo de afirmação de valores e referências no qual as grandes datas e feitos se ligam aos homens extraordinários que permite ao passado legitimar o presente, em um processo de construção da memória que na maioria das vezes se distancia da “vigilância crítica e fidelidade ao passado” (SILVA, 2009).

Segundo Pollak (1989), talvez a memória possa ser uma forma de manutenção de mitos, mas que desenvolvem uma característica dinâmica, que envolve a manutenção e transformações que permite a presença do passado a partir do presente, que seleciona e representa em termos individuais e coletivos a experiência vivida e seu significado em processos que constroem identidades e alteridades, do contraste do eu do outro, de nós e eles.

Neste contexto, o sociólogo Maurice Halbwachs (2004), identifica essa dimensão da vida social como uma forma de mitologia dinâmica, que vai além do indivíduo e formaria uma

estrutura social moldada pelas relações de força entre diferentes grupos sociais que determinam o que não deve ser esquecido. O esquema explicativo de Halbwachs apresenta a forma como o indivíduo se apropria da memória coletiva, ao se identificar com os acontecimentos públicos que são representativos para o seu grupo, embora o autor mantenha-se tributários do contraste entre a reconstrução social da memória, que devido estar atrelada às vivências seria subjetiva, e a memória histórica, que por ser escrita e incorporada ao modelo, apresentava o status de objetiva.

De acordo com Halbwachs, se existe uma diferença aparente entre a memória e a história:

Ela (história) obedece, assim fazendo, somente a uma necessidade didática de esquematização. Parece que ela considera cada período como um todo, independente em grande parte daquele que o precede e daquele que o segue, porque ela tem uma tarefa, boa, má ou indiferente, a cumprir. Enquanto essa obra não estiver acabada, enquanto tais situações nacionais, políticas, religiosas não tenham desenvolvido todas as consequências que comportavam não levando em conta as diferenças de idade, tanto jovens como os velhos se limitariam ao mesmo horizonte. Uma vez concluída, e que novas tarefas se ofereçam ou se imponham, a partir deste momento as gerações que vêm se encontram numa outra vertente diferente das precedentes. (HABLOWACHS, 1990, p. 82-83).

Entretanto, ao abordar a perspectiva de Halbwachs (1990), em que o autor compreende que a memória é incorporada na história de acordo com que os grupos que a sustentam desaparece, o olhar de Nora (1993) identifica no processo de incorporação pela história a causa a diluição da memória.

No que se refere a memória do personagem político e seu lugar na história, se torna necessário discutir sobre o lugar da memória e suas representações por meio de personagens e cenários políticos contemporâneo, principalmente as questões relativas ao papel da memória no que diz respeito as relações entre políticos, o poder político e a configuração da sociedade atual.

Uma das narrativas utilizadas no contexto político é o heroísmo. Atualmente é difícil evitar o tema política em virtude de muitos escândalos vindo à tona, eleições presidenciais batendo à porta, participação ativa das mídias tradicional e independente, constata-se uso de narrativas míticas clássicas pela comunicação política, crise de descontentamento e total perda de credibilidade dos três poderes, enorme polarização da população e uma aparente polarização dos políticos (VALLE; TELLES, 2014).

De acordo com o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986), o termo herói é definido como um homem extraordinário devido as suas qualidades guerreiras, triunfo, valor ou magnanimidade. Neste sentido, é possível perceber que o conceito de herói está intimamente

ligado à sociedade que o criou, relacionada à sua época de criação. Isso se deve pelas qualidades inerentes a um determinado herói devem estar ligadas aos valores de sua época e às necessidades de um povo.

Por esse motivo tanto os conceitos de herói quanto de vilão não podem ser considerados como estáticos e nem universais, eles variam de época para época, de povo para povo, pois dependem intrinsecamente dos valores e desejo de uma sociedade. Desde a antiguidade da história humana o herói se encontra presente no imaginário da humanidade. Os deuses gregos, dotados de diversas características humanas, se diferenciavam pelos seus superpoderes e a mortalidade. Eram heróis, cheios de defeitos, e mesmo assim eram idolatrados pelas pessoas.

Com o advento do cristianismo, esses deuses foram sintetizados em dois polos: o bem representado pela divina trindade, e o mal, ilustrado pela figura de Lúcifer. Com o florescimento de uma mitologia laica, próxima do Renascimento e até o ápice do positivismo, a posição do bem foi assumida pela razão, enquanto par ao mal sobrou qualquer coisa que à razão se opunha.

Como lembra os autores Magalhães, Silva e Batista (2007, p. 19), nos dias de hoje “a produção literária, particularmente, a ocidental sobre a figura do herói realmente assenta-se no maniqueísmo, na unilateralidade e no sucesso do herói”. Maniqueísmo com fortes influências religiosas.

Dessa forma, a classificação de um personagem como “herói” ou “vilão” pelos critérios consensuais irá depender do grupo em que ele esteja inserido e não somente dos ideais do mesmo. Se suas habilidades forem usadas de acordo com os critérios considerados como heroicos pelo grupo, esse personagem será visto como um herói. O que equivale dizer que ele pode ter dons necessários, mas precisará da oportunidade e da disposição de seguir esses critérios para ser considerado como um herói. Neste sentido, observa-se que o conceito de herói muda conforme o tempo e o lugar, e muitas das vezes não se pode perceber muito bem o porquê de um tipo se tornar mais ou menos popular em um dado momento (VALLE; TELLES, 2014).

Assim, conforme aponta Campbell (2007), estudioso na área de mitologia e autor da famosa teoria da “jornada do herói”, defende que o vilão é o responsável por levar o protagonista ao status de herói (ou anti-herói). Um personagem protagonista que possui motivações nobres e realiza ações nobres é um herói, já um antagonista que possui motivações perversas e as realiza é considerado um vilão. Quando um vilão sai do papel de antagonista e ganha o protagonismo ele se torna potencialmente um anti-herói, pois o leitor/telespectador passa a ver o mundo através de seus olhos e ele terá a oportunidade de justificar todas as suas ações e motivações sombrias (PINTO, 2016).

Para contrabalançar os defeitos morais dos anti-heróis e torná-los fascinantes e merecedores da torcida do público, os escritores e roteiristas utilizam alguns artifícios em comum, além de torná-los, protagonistas da história: *backstory*, motivos nobres, traços redentores e colocá-lo ao lado de um vilão clássico (VALLE; TELLES, 2014).

Quanto as narrativas heroicas na política, cabe inicialmente estabelecer o que está sendo considerado como política e o que está sendo considerado como narrativa. De forma resumida a política é o ato de media interesses, organizar, dirigir e administrar nações ou estados, mas sempre por intermédio do diálogo, de negociações, de relações sociais, onde não se faz política sozinho em uma democracia. E a narrativa que consiste no ato de contar uma história, por meio de uma sequência de acontecimentos, onde os personagens se movimentam no tempo e no espaço (VOGEL, 2005).

Diante deste contexto, a construção da imagem pública de um político na mídia vale-se dos mesmos recursos narrativos de qualquer história de ficção, em que inúmeras narrativas e personagens míticos clássicos também são largamente usados na construção da figura do político. Comumente os políticos utilizam discursos salvacionistas, messiânicos, heroicos. Em paralelo ao trabalho de comunicação do político, existe a mídia que ajuda a fabricar narrativas heroicas, demonizando determinados políticos e enaltecendo outros, fazendo-os atender aos desejos e anseios de proteção, amparo e conforto da população (PINTO, 2016).

Com esse discurso até mesmo uma pessoa com moral questionável pode se tornar um herói ou um anti-herói da nação, por meio da utilização dos recursos midiáticos, ao falar do passado sofrido da pessoa, dá a população um motivo nobre e geralmente genérico, como por exemplo acabar com a corrupção. Quando a população não tem esse conhecimento, qualquer um pode se passar facilmente como um herói, dando a impressão que realmente é capaz de fazer tudo o que foi prometido (MAGALHÃES; SILVA; BATISTA, 2007).

No que se refere ao perfil dos personagens políticos biografados, observa-se a figura de “heróis” políticos como a obra o Menino Lula de Audálio Dantas; A memória e o guardião: em comunicação com o presidente da república: relação, influência, reciprocidade e conspiração no governo João Goulart, Getúlio Romance de Juremir Machado; Getúlio 1882-1930; Getúlio 1930-1945; Getúlio 1945-1954, Castello: a marcha para a ditadura de Lira Neto; dentre outras obras voltadas para personagens políticos que vem conquistando leitores assíduos em todo o mundo, devido ao fascínio por suas trajetórias, que escreveram páginas da história durante o período em que viveram.

3.2. O trabalho do jornalista na apuração biográfica

Segundo os autores Saraiva, Schemes e Araújo (2011) a produção jornalística de narrativas biográficas possuem origem nos romances em folhetins na França, mais precisamente em 1836, coincidindo com o apogeu do Romantismo, que se encontrava em sua fase social. Os autores ainda ressaltam que a ideia da publicação de narrativas romanescas em fascículos se deve aos responsáveis pelos periódicos *La Presse* e *Le Siècle*, que tinham como objetivo criar uma espécie de “isca” para atrair assinantes. Assim, desde o seu lançamento, o romance-folhetim foi um grande sucesso de público, principalmente devido à sua forma de publicação, em partes seriadas, que eram mais acessíveis financeiramente e apresentava-se como meio para divulgação de novos autores (SARAIVA; SCHEMES; ARAÚJO, 2011).

No Brasil, o romance-folhetim não demorou a conquistar o sucesso que havia obtido na França, sendo publicadas produções de Eugène Sue, de Alexandre Dumas, e Octave Feuillet, em variados veículos de comunicação. Todo esse sucesso deve-se à “fulgurante e rápida penetração do folhetim francês à constituição, no Brasil, nas décadas de 1840 e 1850, de um corpo de leitores e ouvintes, consumidores de novelas já em número suficiente para influir favoravelmente na vendagem do jornal que as publica e nos livros que as retomam” (MEYER, 1996, p. 292).

Por essa razão, os autores brasileiros passaram a ter seus romances publicados nos jornais brasileiros, como o *Jornal do Comércio*, o *Correio Mercantil*, a *Gazeta de Notícias*, *Jornal das Famílias*, ondem tivera destaques os autores, Manuel Macedo, José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Aloísio de Azevedo, Machado de Assis. Dessa forma, instalava-se, assim, a tradição da mescla entre literatura e jornalismo que encontraria na crônica do final do século XIX e do início do século XX sua melhor forma de convergência (SARAIVA; SCHEMES; ARAÚJO, 2011).

Entretanto, ainda no século XX, ocorreu a ruptura entre a Literatura e o Jornalismo, principalmente relacionada as alterações estilísticas da linguagem e dos recursos gráficos dos jornais. Como resultado, o Jornalismo passou a perseguir, em suas produções textuais, a objetividade e a concisão, substituindo as narrativas longas, características da Literatura, por textos curtos e impessoais (PENA, 2006).

Por volta de 1950, de acordo com Pena (2006, p. 40) o objetivo principal dos jornais passou a ser a “novidade e os fait divers assumem a função principal na pauta. A Literatura é apenas um suplemento”. Todavia, com o intuito de divulgar a literatura, foram criados os “cadernos literários”, ou seja, espaços destinados, exclusivamente, ao lançamento e ao

comentário de obras literárias, em que os traços de linguagem jornalística como a clareza, a objetividade e a concisão se fazem presentes.

Porém, na década de 1960, grande parte dos jornalistas manifestavam sua insatisfação em relação à maneira que deveriam seguir para a elaboração de seus textos, ao considerar que a objetividade seria um elemento essencial. Tal insatisfação, foi a precursora do movimento conhecido por Novo Jornalismo, que prega o envolvimento do jornalista que é narrado e permite a emergência de sua subjetividade nos textos, característica antes bem vista, somente, na literatura (SARAIVA; SCHEMES; ARAÚJO, 2011).

Nesta perspectiva, o jornalista ao elaborar seus textos, deveria reconstruir o cenário da história, registrar diálogos, além de considerar o ponto de vista de cada um dos personagens envolvidos e registrar elementos como hábitos, roupas, gestos, características significativas dos envolvidos. Mas para a elaboração de um texto com tais características, necessariamente, o jornalista deveria se envolver de forma afetiva, com o objetivo de assimilar, dos entrevistados, todas as informações necessárias para a composição de sua matéria (PENA, 2006).

Neste contexto, os autores Sobral e Bulhões (2016, p.5) complementam que:

[...] quando se trata de biografia, levar em consideração que a produção de biografias se tece a partir de uma relação intrincada de elementos, desde o interesse pela pessoa do biografado que, geralmente, é uma figura de importância e destaque social, cultural, político ou econômico, interesses comerciais da editora e acesso às fontes de informação, que são as fontes de pesquisa do biógrafo, parentes, amigos, colegas de trabalho, pessoas que conviveram com o biografado em diversas circunstâncias e as fontes documentais, certidões, papéis pessoais, como cartas e diários, fotografias, enfim, subsídios que revelem a trajetória do biografado.

Cabe ainda ressaltar que em inúmeros contextos os jornalistas são vistos como escritores, como no caso de biógrafos com formação ou atuação em jornalismo, tendo em vista, que o jornalista é aquele que além de possuir formação superior na área, exerce a profissão atuando nas redações, e exercendo as atividades rotineiras do ofício (COSTA, 2004).

Já nos Estados Unidos, observa-se a utilização da expressão do Novo Jornalismo, que se caracteriza pela exploração de fatos do cotidiano, acontecimentos ordinários, que acontecem no dia a dia, com a intenção de questionar os fatos, em uma atitude quase ativista. Nesse novo estilo de jornalismo, o envolvimento do jornalista com as personagens e fatos é realizado de forma intensa, e os relatos são elaborados com informalidade, muitas vezes na tentativa de reconstruir a “fala das ruas” ou das personagens envolvidas nas ações (SARAIVA; SCHEMES; ARAÚJO, 2011).

Conforme aponta Pena (2006), diante dessa perspectiva do Novo Jornalismo, é possível perceber que parece até inevitável que tantos jornalistas, em todo o mundo, sejam responsáveis pela escrita de biografia, gênero textual que faz parte do jornalismo literário e caracteriza-se pela narrativa de um personagem. Além disso, cabe citar que um dos fatos que justifica o envolvimento dos jornalistas com esse gênero talvez seja a busca insistente desses profissionais pela realidade que cerca os biografados, mesmo que a representação dos fatos vividos por esses indivíduos se situe no plano da verossimilhança.

O jornalismo literário abrange uma literatura prazerosa sem que haja perda da conexão com a realidade. Todavia, tal proposta não chega às pessoas que acompanham o noticiário cotidiano, e dessa forma esvazia-se o poder informativo dessa perspectiva híbrida, como os relatos de vida, que incluem as biografias, perfis, histórias de vida e história oral (SOUZA *et al.*, 2009).

Neste contexto, se torna necessário refletir sobre histórias de vida no jornalismo. Para o autor Vilas Boas (2003, p. 16-17) a expressão histórias de vida apresenta maior abrangência do que as demais, tendo surgido “no contexto das pesquisas qualitativas em Ciências Sociais (sociologia, antropologia, história, psicologia)”. E transcende essa perspectiva, ao afirmar que “essa modalidade dá atenção total ou parcial às narrativas sobre as vidas de indivíduos ou de grupos sociais, visando humanizar um tema, um fato ou uma situação contemporânea”.

Em uma perspectiva mais recente Vilas Boas (2008) explica:

O sociólogo Norman Denzin oferece conceitos sucintos para biografia, autobiografia, histórias de vida, narrativa de vida, história oral, história pessoal e muitos outros nomes que tanto podem ser coincidentes quanto conflitantes, conforme o contexto em que são empregados. Todo esse grupo de variados métodos (ou atitudes, ou visões de mundo) da pesquisa biográfica e autobiográfica em Ciências Sociais está sujeito a convenções que estruturam a maneira como vidas têm sido escritas. (VILAS BOAS, 2008, p. 21).

Dessa forma, observa-se que o próprio Vilas Boas tem atualmente adotado, as expressões “biografismo” e “escrita de vida” para identificar práticas que possuam essa mesma natureza. Assis (2012, p.71) também ressalta que muitas vezes, “as terminologias são empregadas sem que haja interesse em especificá-las”. É o que ocorre no ensaio escrito por Santos (2009) sobre a exploração das histórias de vida em grandes reportagens. Nesse e saio é possível perceber que a autora se preocupou em discutir a inserção dessas histórias como elementos constitutivos de um gênero, em que o olhar se voltou especialmente para as técnicas que podem auxiliar em sua composição, como por exemplo a história oral. Dessa forma, na linha de raciocínio utilizada em sua discussão, a autora demonstra entender as histórias de vida

como algo resolvido e sem necessidade de ser discutida além do que a própria junção das palavras “história” e “vida” já pressupõe” (ASSIS, 2012, p.71).

Ainda ao analisar a abordagem utilizada por Santos (2009, p. 28) é possível perceber que: “como narrativa da atualidade, o jornalismo também se preocupa com a aproximação da realidade, as histórias de vida falam muito mais que as estatísticas”. Assim como a autora, em seu estudo Assis (2012, p.71) “também identifica as histórias de vida como elemento que constitui determinadas formas jornalísticas [...] Não se trata, portanto, de um gênero ou de um formato autônomo, mas, sim, da essência que dá corpo a perfis ou a histórias de interesse humano”.

Diante dessas percepções torna-se “evidente que as histórias de vida são o teor de gêneros autônomos e de grande destaque, como são, por exemplo, as biografias” (ASSIS, 2012, p. 72). Neste sentido, Fonseca e Vieira (2011, p. 103) complementam que as histórias de vida são reconhecidas como obras específicas não apenas pelos especialistas, “são classificadas como gênero híbrido, por estarem situadas na fronteira entre história e literatura e, ainda, pelo fato de passarem por uma transformação de valorização e de representatividade como abordagem histórica e social”.

Segundo Sobral e Bulhões (2016) toda a narrativa biográfica concentra-se na vida do indivíduo, assim sendo, não se detém apenas aos aspectos pessoais e aos fatos cronológicos, como nascer, viver, e morrer, mas também se constrói por todos os aspectos da vida e neles se inclui os profissionais. “Os aspectos da vida são indissociáveis, e nas biografias há a presença marcante da atividade profissional do biografado” (SOBRAL; BULHÕES, 2016, p. 4).

Assim, na narrativa biográfica, o jornalista possui a tarefa de apresentar aos leitores a vida detalhada de determinado indivíduo. Contudo, para alcançar esse objetivo, o escritor deve apresentar aos leitores os fatos que marcaram a vida do personagem objeto da biografia, bem como aquelas pessoas que compartilham situações e vivências. Dessa forma, ao realizar essa apresentação, está em jogo menos a verdade do que a verossimilhança, entretanto, para que ela seja efetivada, torna-se necessário que o escritor dê coerência aos fatos vivenciados pelo biográfico. Em sua maioria, os acontecimentos relatados pelos próprios indivíduos parecem não possuir qualquer conexão, e por isso cabe ao jornalista inter-relacionar esses acontecimentos, pois, caso isso não seja feito, o leitor não irá compreender a exposição dos eventos (SARAIVA; SCHEMES; ARAÚJO, 2011).

O texto biográfico deve ter a característica de trazer à tona a memória do indivíduo biografado, por esse motivo, muitos dos textos biografados explicitam a vida privada de indivíduos, gerando nos leitores a curiosidade por um lado que, muitas vezes era totalmente ou

em parte oculto dos fãs. Essa metodologia contribui para surgir a aproximação entre as duas partes, visto que o leitor passa a conhecer com mais detalhes a vida do biografado, ao compartilhar com ele certas situações desconhecidas até então, e dessa forma, faz com que o indivíduo biografado se aproxime mais da vida cotidiana dos leitores.

Neste sentido, Iser (1983) complementa:

Todavia, as produções biográficas literárias não deixam de mergulhar na realidade, tampouco se constituem em oposição à verdade, mas elas traduzem algo cuja alteridade não é compreensível a partir dos hábitos vigentes no mundo da vida. Assim, embora a ficcionalidade da narrativa biográfica literária possa ser demonstrada, o que a inclui no plano da ficção são convenções, historicamente variadas e determinadas pelas instâncias que institucionalizam o fazer literário, de que autores e público compartilham. Consequentemente, o reconhecimento da ficção designa o „contrato“ entre autor e leitor, cuja regulamentação o texto comprova não como discurso, mas sim como “discurso encenado. (ISER, 1983, p. 397).

Dessa forma, para melhor compreender o contexto em que se encontra o trabalho do jornalista na apuração biografia, é relevante para este estudo citar como o biógrafo Lira Neto relata o processo de apuração em suas biografias de personagens políticos, como por exemplo: Getúlio Vargas e Castello Branco, principalmente no que se refere ao modo de produção, e tempo empreendido.

Em uma entrevista concedida ao jornalista Ricardo Sabbag na edição de setembro de 2017 do projeto “Um Escritor na Biblioteca” Lira Neto fez uma síntese de sua trajetória como escritor, além de relatar como ocorreu a elaboração da trilogia da biografia de Getúlio Vargas e da biografia de Castello Branco (CÂNDIDO, 2017, online).

Segundo Cândido (2027), Lira Neto descreveu que para ele, para se ter uma boa biografia é essencial a escolha do personagem “tem que ter solavancos, altos e baixos”, e sobre a pesquisa bibliográfica sobre o assunto “tem que dar conta de tudo que de relevante se escreveu sobre a figura escolhida”. “Monto esqueletos sempre que estou iniciando um trabalho, mas é claro que isso é flexível, vai se alterando de acordo com os rumos que a pesquisa manda” (CÂNDIDO, 2017, online).

Ainda sobre a escrita de uma boa biografia, Lira Neto complementa:

A primeira coisa é escolher um bom personagem. O que é um bom personagem para um biógrafo? É alguém que tenha tido uma vida edificante? Não. Às vezes, muito pelo contrário. Um personagem que sempre deu certo na vida, que fez tudo certo, dará uma péssima biografia. O personagem tem que ter solavancos, altos e baixos. Para usar um clichê: sua vida tem que ser uma montanha-russa existencial. Esse é o primeiro passo. Uma vez decidido quem é o personagem, a segunda coisa é tentar dar conta de tudo que de relevante se escreveu sobre a figura escolhida. (CÂNDIDO, 2017, online).

Na escrita da biografia sobre Castello Branco, Lira Neto ressalta na entrevista de que “precisava fazer jornalismo”:

Disse a mim mesmo que iria fazer uma grande reportagem, histórica, com rigor na apuração, com rigor no trato com as fontes. Não ia fazer literatura. O texto precisava ser límpido, muito bem escrito, com algo de estético, no sentido de burilar a palavra, mas jamais cair na tentação de fazer literatura. Fazer bom jornalismo, isso sim. Errei no primeiro livro, e foi bom que eu tenha errado, porque me vacinei nos livros seguintes. Aí meu compromisso foi cada vez maior com o rigor da informação, unindo a isso um texto absolutamente translúcido, que não deixe os andaimos evidentes para o leitor. (CÂNDIDO, 2017, online).

Cabe ressaltar que a biografia de Castello Branco foi o segundo livro escrito por Lira Neto. Em outra entrevista concedida ao Congresso em Foco em 2019, Lira Neto conta como foi o processo de construção da biografia de Castello Branco:

Recorri, em primeiro lugar, ao arquivo do próprio biografado, que está sob a guarda da Escola de Comando e Estado Maior do Exército, a Eceme, no Rio de Janeiro. Também tive a preciosa ajuda do brasilianista John W. F. Dulles, que escreveu dois livros sobre Castello Branco, publicados na década de 1970. Ele enviou-me, diretamente da Universidade do Texas, onde era professor, nove volumes encadernados com as notas das entrevistas que fez, à época, com personagens decisivos da história, como Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek e João Goulart. Para completar, consultei jornais de época e outros documentos do período, tanto na Biblioteca Nacional quanto no Arquivo Nacional. (CONGRESSO EM FOCO, 2019, online).

Dentre os anos de 2012 e 2014, Lira Neto publicou os três volumes que compõem a elogiada biografia de Getúlio Vargas. Projeto este, que lhe custou cinco anos de trabalho com dedicação exclusiva, que obteve grande êxito, ao virar *best-seller* e ganhar prêmios.

Sobre o processo de pesquisa da vida de Getúlio Vargas, Lira Neto ressalta que no primeiro volume, cerca de quase 100 páginas referem-se a referências às fontes bibliográficas e arquivísticas consultadas, o que corresponde a uma grande quantidade de material para ser lido e consultado. Lira Neto, em sua entrevista conta como ocorreu todo esse processo:

Agora, nesse caso específico, o trabalho foi facilitado em muito por dois motivos: primeiro, porque boa parte do que se escreveu sobre Getúlio padecia do pecado original de dizer que ele era um santo, que nunca tinha cometido um deslize, e, por outro lado, livros que afirmavam que era exatamente o contrário, um ditador sanguinário, etc. Então, esses dois tipos de literatura se excluíam pelo sinal contrário. E eu não queria seguir nessa linha. Não queria fazer nem mais um libelo contra o Getúlio, nem mais uma hagiografia. Queria escrever um livro que mostrasse uma pessoa complexa nas suas contradições.

[...]

Getúlio era um sujeito obsessivo: tudo que escrevia, podia ser um simples bilhete,

arquivava. O arquivo do Getúlio, que está à disposição de qualquer pesquisador na Fundação Getúlio Vargas, lá no Rio de Janeiro, é assombroso. Então tive que dar conta desse material. Mas foi uma tarefa difícil e ao mesmo tempo saborosa. Porque esses documentos foram escritos no calor da hora, ou seja, era a história sendo contada no momento em que ela estava sendo produzida. E, no caso do Getúlio, eu tinha que dar conta também, além dos arquivos privados, dos arquivos públicos. Então, no caso de um presidente que passou 18 anos no poder, entre idas e vindas, pode-se imaginar o tamanho da maçaroca. Sem falar no material diplomático, por exemplo. A pesquisa para fazer os três livros do Getúlio se estendeu além do Brasil para outros países. Tive que contratar pesquisadores assistentes em Nova York, Washington, Londres, Berlim, Buenos Aires e Montevideu.

[...]

Concordo com o professor Boris Fausto, historiador que assina a quarta capa do primeiro volume da biografia do Vargas, que diz: para bem e para o mal, Getúlio é o personagem mais importante da história do Brasil. Com todos os erros e acertos. Com todos os defeitos e vícios. E aí me deparei com um grande problema, né? Depois de Getúlio, eu iria biografar quem? (CÂNDIDO, 2017, online).

Em síntese no final da entrevista Lira Neto destaca o compromisso que o biografo deve ter com o personagem, ao citar uma fala do biografo Fernando Morais: “Quando você se compromete a biografar alguém, amarra uma bola de ferro na própria perna e é condenado a arrastar essa bola até terminar o livro” (CÂNDIDO, 2017, online). O autor ainda complementou, que acha que essa relação é para sempre, pois até hoje ele fala sobre as personalidades biografadas, pois ao escolher um tema é preciso estar certo de que esse tema tem o poder de te mobilizar, mobilizar tanto suas energias, quanto suas forças, dentre outros aspectos. Lira Neto ainda complementa: “Porque você vai conviver com esse personagem diariamente, durante anos de sua vida. Você vai escarafunchar a vida dele, então não tem como abandonar. Casamento a gente abandona, biografia não” (CÂNDIDO, 2017, online).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE

Neste capítulo, são descritas de forma detalhada as características e os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa, bem como os aspectos essenciais relacionados aos procedimentos de coleta e análise dos dados, ao instrumento adotado contendo a construção e validação teórica do método utilizado. Neste capítulo também é apresentada a justificativa para a escolha da trilogia Getúlio e uma reflexão sobre a sua repercussão no mercado editorial, não por meio de uma análise em profundidade das obras, mas ao observar aspectos específicos tais como a estruturação do sumário, e como a leitura do sumário ajuda a compreender a obra/personagem.

4.1. Metodologia

O presente trabalho contempla, uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza básica, descritiva quanto aos objetivos, desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica realizada em materiais já publicados, e da análise dos sumários, das críticas e textos noticiados sobre as biografias de Getúlio Vargas escritas pelo jornalista Lira Neto: Getúlio (1882-1930) – Dos anos de Formação à Conquista do Poder; Getúlio (1930-1945) – Do governo provisório à ditadura do Estado Novo; Getúlio (1945-1954) – Da volta pela consagração popular ao suicídio.

A abordagem metodológica deste estudo classifica-se como qualitativa, que de acordo com Chizzotti (2018), permite compreender a essência do fenômeno estudado, através do tratamento e da interpretação dos dados num contexto de relações dinâmicas.

A pesquisa básica tem como objetivo gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da ciência, sem a previsão de aplicação prática, além de envolver verdades e interesses universais (QUIRINO, 2017).

Para Fonseca (2002), a pesquisa possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a se investigar, como um processo permanentemente inacabado. A pesquisa se processa através de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo auxílio para uma intervenção real.

Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, e pretendem determinar a natureza dessa relação. Nesse caso, tem-se uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa. Há, porém, pesquisas que, embora definidas como descritiva com base em seus objetivos, acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas exploratórias. (GIL, 2010, p.28).

Assim, este estudo foi desenvolvido por meio de uma metodologia de revisão bibliográfica, feita a partir de levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites (FONSECA, 2002).

Dessa forma, os dados para a realização da etapa de revisão bibliográfica foram coletados nas bases de dados do *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Google Acadêmico e Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), considerando artigos, dissertações, teses e livros no idioma português, utilizando os seguintes descritores combinados entre si: biografia, jornalismo, personagem político, e obra de memória. A revisão bibliográfica tinha como objetivo identificar estudos que tratam de Lira Neto e da trilogia Getúlio.

Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos trabalhos foram: publicados no idioma português; artigos na íntegra que retratassem a temática deste estudo e artigos publicados e indexados nos referidos bancos de dados. A escolha dos artigos justifica-se por tratar de uma fonte de dados secundária e a facilidade de acesso dos artigos em meio eletrônico.

Os critérios de exclusão foram: artigos duplicados e artigos que divergiram do objetivo da pesquisa. Os dados selecionados foram analisados de acordo com os autores, base bibliográfica, objetivo do artigo, método e resultados.

Assim, ao estabelecer as bases teóricas e o procedimento de coleta de dados da revisão bibliográfica, iniciou-se a primeira etapa da fase de análise do trabalho ao escolher como objetos de estudo as biografias de Getúlio Vargas (1882-1930), Getúlio Vargas (1930-1945), e Getúlio Vargas (1945-1954), ambas as obras escritas por Lira Neto.

A segunda etapa do estudo procurou realizar um recorte interno das obras. No recorte interno, a unidade de análise foram os sumários dos livros de Getúlio Vargas, com o intuito de demonstrar como Lira Neto estrutura o personagem político biografado. O objetivo não é mergulhar na obra, mas sim mostrar os aspectos que caracterizam o personagem a partir do sumário.

A terceira etapa, corresponde a análise externa do trabalho, que consiste em realizar uma reflexão sobre a repercussão das biografias escolhidas a partir das críticas de textos noticiados na mídia. As análises das críticas e textos noticiados foram feitas utilizando a técnica de análise de conteúdo categorial-temática proposta por Bardin (2011).

Neste sentido, cabe ainda considerar que a análise de conteúdo de Bardin (2011),

designa e caracteriza a análise por um conjunto de instrumentos sutis que se aplicam a discursos diversificados, que buscam compreender características ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens. De acordo com Bauer e Gaskell (2002, p. 192): “a análise de conteúdo trabalha tradicionalmente com o texto escrito e “nos permite reconstruir indicadores e cosmovisões, valores e atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades”.

Godoy (1995, citado por Câmara, 2013, p.182) “considera a análise de conteúdo proposta por Bardin uma técnica metodológica que se pode aplicar em discursos englobando todas as formas de comunicação. ” A análise de conteúdo é feita por meio de procedimentos sistemáticos envolvendo três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados (BARDIN, 2011).

Dessa forma, na etapa de pré-análise foi realizada uma leitura flutuante das notícias e críticas sobre as biografias de Getúlio Vargas escritas por Lira Neto divulgadas na internet.

Na segunda etapa de exploração do material, foi realizada a codificação e categorização do material. Na codificação é feito o recorte das unidades de registro e de contexto, que podem ser palavra, tema, objeto ou referente ao personagem, acontecimento ou documento. Neste sentido as unidades de contexto selecionadas foram: notícias e críticas positivas e negativas. Também foram realizados nesta fase o recorte de trechos com base nas unidades de contexto e assuntos em comum, e posteriormente foram criadas categorias e subcategorias.

Para tanto, foram definidas para análise das unidades de contexto selecionadas, as seguintes categorias temáticas que apresentaram uma maior relevância para o contexto pesquisado: notícias e críticas divulgadas na mídia feitas por historiadores, pesquisadores, cientistas políticos, e a imprensa composta pelos veículos de comunicação, jornais, revistas e televisão.

Na terceira etapa de tratamento dos resultados, os mesmos foram organizados pelas categorias relacionadas, e posteriormente foi realizada uma discussão dos resultados encontrados com base em trabalhos publicados na literatura científica, que obtiveram resultados similares sobre a temática abordada neste estudo.

4.2. Análise

4.2.1 Primeira Etapa: Escolha das biografias

Segundo Bresser-Pereira (2012, p.1), “Getúlio Vargas foi um grande estadista do Brasil

do século vinte”. Getúlio nasceu em uma família de senhores de terra, e comandou a transição do Brasil de uma economia agrária para uma economia industrial. Era um nacionalista, e com o auxílio dos empresários industriais, da burocracia pública e dos trabalhadores urbanos, ele foi capaz de realizar um pacto político e uma estratégia nacional desenvolvimentista (BRESER-PEREIRA, 2012).

Entre 1930 e 1945 com um governo autoritário, Getúlio Vargas conseguiu quebrar a hegemonia das oligarquias agrária e mercantilista que até então dominam o país, além disso, ele foi o primeiro político a estabelecer uma relação com o povo, do que somente com as elites (BRESER-PEREIRA, 2012).

Em seu segundo governo, de 1951 a 1954, ele veio a completar seu projeto nacional. “Depois dele e do governo Kubitschek, a revolução industrial e a capitalista do Brasil iniciada em 1940 podia ser considerada completa – o que abriu espaço para uma democracia mais consolidada no país” (BRESER-PEREIRA, 2012, p.1).

Dessa forma, as seções seguintes, apresentam a análise e reflexão sobre a repercussão na mídia das biografias de Getúlio Vargas (1882-1930), Getúlio Vargas (1930-1945), e Getúlio Vargas (1945-1954) escritas por Lira Neto.

4.2.2 Segunda Etapa: Análise dos sumários

No primeiro livro da trilogia: Getúlio (1882-1930): dos anos de formação à conquista do poder, Lira Neto faz com que o leitor acompanhe o personagem desde as suas origens na pequena cidade de São Borja até a tomada do poder federal após a Revolução de 1930. Tal observação pode ser observada a partir da estrutura do sumário: 1. A terra ali é vermelha feito brasa. Dizem que é por tanto sangue derramado nela (1865-96); 2. No tiroteio, um jovem tomba morto. Seria Getúlio, aos quinze anos, o assassino? (1896-8); 3. Getúlio levanta o braço e adere ao motim. O gesto vai mudar sua vida (1898-1903); 4. Após suspirar por uma Dama de Vermelho, Getúlio cai de amores pela militância estudantil (1903-7); 5. Simpático, republicano e deputado: Getúlio é um bom partido para a filha do figurão local (1908-12); 6. Desafeto dos Vargas recebe um tiro no ouvido. Ele sabia — e falava — demais (1913-6); 7. Índia é estuprada e cacique, morto a tiro. O culpado é Getúlio Dornelles Vargas (1917-21); 8. Nova guerra civil derrama sangue no Rio Grande. O parecer de Getúlio é o estopim do conflito (1922-3); 9. “Só é possível reprimir violência com violência”, lê Getúlio em seu primeiro discurso no Rio (1923); 10. A Coluna Prestes começa a inflamar o Brasil. Getúlio a compara a uma “correria de cangaceiros” (1924-6); 11. O ministro da Fazenda não entende de finanças. Mas sabe tudo de

política (1926-7); 12. E se a República do café com leite se transformasse na República do café com pão? (1928); 13. Getúlio inaugura a arte de tirar as meias sem descalçar os sapatos (1929); 14. A “renovação criadora do fascismo” é citada como exemplo pelo candidato Getúlio Vargas (1929); 15. Guerra à vista: Rio Grande encomenda ao Canadá 5 milhões de “cartuchos pontiagudos” (1929); 16. O clima no Rio de Janeiro é de “orgia cívica”; mas dessa vez Getúlio é o único a não sorrir (1930); 17. Um jornalista entrevista o obelisco: “Os cavalos gaúchos não vêm mais” (1930); 18. Tropas federais chegam a Porto Alegre. Getúlio, tranquilo, passeia a pé pela cidade (1930); 19. A revolução explode nas ruas. Os dois lados começam a contar seus mortos (1930); e 20. A massa não grita mais “Queremos!”. O brado agora é outro: “Já temos Getúlio!” (1930).

Em seu segundo livro: Getúlio (1930-1945): do governo provisório à ditadura do Estado Novo, Lira Neto faz uma reconstituição da trajetória do político entre o momento de consolidação do poder após a Revolução de 1930 e o golpe militar que encerrou o Estado Novo em 1945, conforme pode ser observado em trechos do sumário do referido livro: 1. Oficiais do Exército destroem um jornal: “A ditadura vai salvar o Brasil”, proclamam (1930-2); 2. Crise política, confusão nos quartéis, caos financeiro. Querem derrubar Getúlio (1931-2); 3. “Sai, Getúlio, sai! São Paulo não é Shanghai!” (1931-2); 4. Um general de pijama assume a pasta da Guerra. Os conspiradores decidem que é hora de agir (1932); 5. Getúlio escreve um bilhete de despedida: “Escolho a única solução digna para não cair em desonra” (1932); 6. Uma notícia se espalha em São Paulo: o ditador fugiu do palácio (1932); 7. Getúlio escapa da morte. Para a polícia, foi acidente. Mas havia quem apostasse em atentado (1933); 8. Tiros de metralhadora na fronteira argentina: Bejo Vargas complica a política externa brasileira (1933); 9. O ditador deixa o poder; o novo presidente assume. Mas eles são a mesma pessoa (1934); 10. A Lei Monstro é aprovada: “Não teremos mais direito de pensar em voz alta” (1934-5); 11. O serviço secreto britânico adverte Getúlio: espões e terroristas soviéticos estão no Brasil (1935); 12. Sete mil presos políticos lotam os porões do regime. Há graves denúncias de tortura. Getúlio nega (1935-6); 13. “Os satélites começam a girar em torno do Sol”, diz Getúlio, após tirar de órbita os candidatos a presidente (1936-7); 14. Menção honrosa no concurso infantil de frases patrióticas: “Getúlio Vargas é maior que o Tarzan das Florestas” (1937-8); 15. Getúlio enfrenta metralhadoras e fuzis, mas sucumbe ante um adeus da Bem-Amada (1937-8); 16. A Segunda Guerra Mundial estoura na Europa. “Estou só e calado, para não demonstrar apreensão” (1939-40); 17. Getúlio toma a decisão sobre a guerra. Mas avisa: “Não sobreviverei a um desastre para minha pátria” (1940-1); 18. Preso a uma cama, Getúlio administra a crise do regime, enquanto os nazistas iniciam o “alegre massacre” (1942-3); 19. O Estado Novo agoniza: é

preciso fazer a abertura. Antes que os inimigos do governo a façam (1943-4); e 20. “Estou resolvido ao sacrifício, como um protesto, marcando a consciência dos traidores” (1944-5).

No terceiro e último livro da trilogia: Getúlio: da volta pela consagração popular ao suicídio (1945-1954), Lira Neto apresenta os acontecimentos da vida pessoal e política do personagem em seus anos finais, entre a deposição do golpe militar de 1945 e o seu suicídio em 1954, o livro revela como a história do Brasil se entrançou com a vida de Getúlio, enquanto presidente e afastado do poder, conforme pode ser verificado no sumário da obra: 1. “Talvez só com meu sacrifício eu consiga libertar-me das mesquinhas”, escreveu Getúlio em São Borja (1945); 2. “Se for jornalista, mando enforcar”, dizia Getúlio a propósito dos aviões que desciam em Santos Reis (1945); 3. Getúlio detona uma “bomba atômica”. Candidatura do brigadeiro vive seus dias de Hiroshima (1945); 4. “Estarei vivo ou morto para a vida pública do meu país?”, indagava-se Getúlio (1946); 5. Provocado, o senador Getúlio Vargas rompe o silêncio – e desafia os adversários para uma briga de rua (1946); 6. Um místico envia a Alzira suportes mensagens do Além: “Getúlio será arrasado e só depois levado de volta ao poder “ (1946-7); 7. Ministro da Guerra denuncia complô de sargentos para depor Dutra e recolocar Getúlio no Catete (1947); 8. Getúlio e Prestes sobem juntos no mesmo palanque. Comício termina com bombas e pancadaria (1947-8); 9. O repórter Samuel Wainer entrevista Getúlio: Não sou oportunista; sou homem de oportunidades” (1949); 10. Candidatura de Getúlio é lançada por Ademar de Barros. “Não gostei e não estou entendendo coisa alguma”, diz Alzira (1950); 11. O novo governo se depara com o primeiro desafio: convencer os Estados Unidos de que o ovo nasceu antes da galinha (1951); 12. Surge um jornal para defender Getúlio. Mas a economia patina – e a oposição corteja os quartéis (1951-2); 13. O presidente leva um tombo no palácio. De perna e braço quebrados, cai em depressão (1953); 14. “Por acaso eu sou um leproso? ”, Indagou Perón após Getúlio recuar os convites para encontra-lo (1953); 15. Coronéis lançam um manifesto contra o governo e deputados votam o impeachment de Getúlio (1954); 16. “Estes tiros me atingiram pelas costas”, diz Getúlio, ao saber do atentado a Carlos Lacerda (1954); 17. As forças Armadas exigem a renúncia do presidente. “Só morto sairei do Catete”, responde Getúlio (1954); e 18. “Se algum sangue for derramado, será de um homem cansado e enojado de tudo isso” (24 de agosto de 1954).

Neste contexto, Lobo (2017) complementa informações sobre a trilogia:

A organização se explica por representar três momentos distintos da vida e da atuação política de Getúlio, que se mantém na esfera política – seja nacional, seja regional – por mais de duas décadas, em um período crucial da história brasileira, marcado, entre outras coisas, pela expansão da industrialização e pelo crescimento da urbanização, fenômenos associados à ascensão das massas como atores políticos, aspecto

fundamental para se compreender as articulações que permitiram a Getúlio se manter no poder por tanto tempo. (LOBO, 2017, p. 66).

Segundo informações publicadas no site do Grupo Companhia das Letras (2020), na trilogia de Getúlio Vargas, Lira Neto buscou elaborar uma grande biografia, atual, moderna e jornalística que apresentasse ao leitor contemporâneo, toda a dimensão e complexidade da vida do personagem.

Sobre este processo de construção da biografia de Getúlio Vargas, Lobo (2017) afirma que:

O autor dedicou seis anos à escrita da biografia de Getúlio, e ao longo desse período, recolheu fontes primárias (textos, cartas, fotos, bilhetes, entre outros, de Getúlio e de sua época) e fez uma extensa revisão bibliográfica sobre o tema. Então se deparou com dois extremos relacionados aos escritos sobre Getúlio: de um lado, apologistas, que enalteceram a figura do político brasileiro ao ponto de seus textos mais parecerem hagiografias (biografias sobre a vida de santos) do que propriamente biografias. No outro extremo, textos que se caracterizaram por críticas severas ao político, detratando sua imagem e destacando somente aspectos negativos de sua trajetória. (LOBO, 2017, p. 67).

Lobo (2017) ainda destaca que diante desses dois extremos, Lira Neto optou por trilhar um caminho jornalístico em seu texto, ao analisar várias visões sobre um mesmo fato, e confrontar várias vozes sobre o biografado, e assim “construiu uma narrativa com a consciência de que a neutralidade é uma ilusão, mas que a objetividade e a isenção são metas sempre a serem perseguidas” (LOBO, 2017, p. 67).

Por se tratar de uma biografia, ao analisar o sumário é possível perceber que a narrativa aborda aspectos pessoais do personagem biografado e também do contexto social no qual se insere. Dessa forma, nos sumários dos livros da trilogia, Lira Neto permite uma leitura/narrativa dos fatos pela estrutura do sumário da vida pessoal e política do personagem de forma cronológica, além de abranger o contexto histórico, cultural e político do país em cada fase da vida de Getúlio Vargas.

Para a construção do personagem, Lira Neto durante os dois primeiros anos de trabalho relata em entrevista concedida a Editora Companhia das Letras (2020), ter feito uma imersão em arquivos de tribunais, jornais, polícia, correspondências íntimas, passivas/ativas e em arquivos de outras pessoas que conviveram com o personagem, para tentar descobrir exatamente quem era Getúlio Vargas (COMPANHIA DAS LETAS, 2020, online).

Assim, houve uma multiplicidade de fontes, onde o autor não recorreu somente a documentos oficiais, mas também, para dar um certo colorido à narrativa, o livro recorre à modinhas e marchinhas de carnaval da época, a jingles políticos, a caricaturas, a charges e

crônicas de jornais, como tentativa de levar ao leitor à uma espécie de túnel do tempo dentro daquela época (LIRA NETO, 2012).

Ainda de acordo com Lira Neto (2012), os livros da trilogia são narrados/estruturados de uma forma que o leitor pode ler a história como se fosse um romance, um thriller ou suspense, onde são utilizados vários recursos do texto literário, só que com uma ressalva, o autor se preocupa em documentar cada linha do livro, ou seja, o autor em nenhum momento se permite cair na tentação da licença poética, de imaginar situações e cenários com o personagem.

Dessa forma, a intenção de Lira Neto era tentar compreender quais eram as ligações e interações entre esse Getúlio público, e o Getúlio da vida privada, ou em outras palavras, desvendar Getúlio em todas as suas dimensões e diferentes personas.

Cabe ainda considerar a utilização do método da história de vida, comumente utilizado nas Ciências Sociais, como uma maneira de apuração, compreensão dos fatos e fio condutor na redação na área da pesquisa em comunicação e jornalismo, conforme apontam as autoras Martinez e Albuquerque (2020) ao realizar um estudo sobre a narrativa biográfica do jornalista Lira Neto.

Sobre a trilogia de Getúlio Vargas, as autoras Martinez e Albuquerque ressaltam:

O resultado foi a venda de 100 mil exemplares até o fechamento deste artigo, num claro sucesso editorial baseado num tripé que consiste na escolha de um bom tema, na aproximação com o campo da história brasileira e na rigorosa apuração jornalística, claramente evidenciada nas fontes que sustentam a obra. Toca-se, portanto, uma questão cara aos estudos do Jornalismo Literário: a importância do olhar do jornalista-escritor, no caso estilo e voz autoral. (MARTINEZ; ALBUQUERQUE, 2020, p. 92).

Já no que se refere aos aspectos que caracterizam o personagem, a partir do sumário é possível perceber que Lira Neto considerou toda uma época de 1882 a 1954, ou seja, Estado Novo, o início e o fim da era Vargas, na medida em que nenhum personagem existe à parte das circunstâncias do tempo e do espaço, neste sentido, portanto, observa-se um aspecto coletivo nesta caracterização. Tal observação, pode ser confirmada por meio de uma entrevista que Lira Neto concedeu ao site Carta Capital em 2016:

Uma biografia, por essência, busca compreender como as ações de determinado indivíduo e, ao mesmo tempo, o contexto no qual ele viveu se impactaram mutuamente. Da mesma forma que não faz sentido imaginar a história de um personagem desvinculada da estrutura social, econômica e histórica de sua época, também é empobrecedor compreender a vida desse mesmo indivíduo circunscrita aos limites de determinismos de qualquer espécie. (CARTA CAPITAL, 2016, online).

No sumário das trilogias de Getúlio Vargas, é possível perceber essa associação

cronológica dos fatos que permeiam a trajetória do personagem, com os contextos e acontecimentos políticos da época noticiados em jornais, como por exemplo no título do Capítulo 16 do primeiro livro: “A Segunda Guerra Mundial estoura na Europa. Estou só e calado, para não demonstrar apreensão (1939-40)”, no Capítulo 18 do segundo livro: “Tropas federais chegam a Porto Alegre. Getúlio, tranquilo, passeia a pé pela cidade (1930)”, e no Capítulo 8 do terceiro livro: “Getúlio e Prestes sobem juntos no mesmo palanque. Comício termina com bombas e pancadaria (1947-8)”.

Assim, após apontar como Lira Neto estrutura o personagem e os aspectos que o caracterizam, a terceira etapa deste estudo traz uma reflexão sobre a repercussão da trilogia de Getúlio Vargas na mídia. E por meio dessa reflexão, é possível observar que a análise dos sumários revela que grande parte das críticas negativas da obra de Lira Neto possuem fundamento, visto que ele tenta vender fatos da vida de Getúlio que já foram divulgados na mídia, como novidades, e passou a requestrar velhas descobertas e a apresentá-las como novas

4.2.3 Terceira Etapa: Reflexão sobre a repercussão

A análise externado do trabalho, teve como foco realizar uma reflexão sobre a repercussão das biografias escolhidas a partir das críticas de textos noticiados na mídia, feitas por historiadores, pesquisadores, cientistas políticos, e a imprensa composta pelos veículos de comunicação, jornais, revistas e televisão, ou seja, as categorias temáticas que apresentaram uma maior relevância para o objeto de estudo.

Dessa forma, esta análise inicia-se com um elogio do primeiro livro da trilogia, realizada por Boris Fausto (historiador): “com base numa impressionante pesquisa, Lira Neto narra, com brilho e riqueza de detalhes, a história de Getúlio”. Sobre o segundo livro da trilogia, a cientista política Maria Celina D’Araújo em resenha para o Jornal Estado de São Paulo ressalta: “um trabalho primoroso em fontes históricas que associada a vida privada aos desafios de um chefe de estado”. E sobre o terceiro livro, o historiador Kenneth Maxwell, complementa “Lira Neto escreveu um relato poderoso e perturbador dos últimos anos de Getúlio. Isto é história, sem concessões”. Cabe considerar que ambas as falas citadas foram publicadas no site pessoal do autor Lira Neto¹.

Em sua monografia de conclusão de curso do Bacharelado em História pela Universidade Federal do Paraná em 2017, intitulada: Uma criança predestinada nasce em São

¹ <https://www.liraneto.org/livros>.

Borja - uma análise comparativa de duas biografias de Getúlio Vargas, a autora Olívia Baldissera de Souza, faz uma comparação entre o primeiro livro da trilogia de Lira Neto com a biografia escrita de Getúlio Vargas durante o Estado Novo, por André Carrazzoni em 1939, “Getúlio Vargas”. O recorte escolhido para a pesquisa foi a infância do líder de São Borja, por ser ainda pouco explorada pela historiografia.

Como resultados da pesquisa, a autora apontou:

Biografias sem leitores não cumprem sua função, seja em 1939, com o papel de educar as massas, ou em 2012, com o objetivo de dar lucro para a editora. Por isso, seria interessante empreender um estudo de recepção das biografias, que poderia ser feito sob diferentes pontos de vista: como o público de hoje reagiria ao livro de 1939 e ao de 2012; se o leitor consegue identificar a propaganda estadonovista na obra de 1939; como os leitores da década de 1930 reagiram à biografia escrita por André Carrazzoni. Desta forma, seria possível verificar a eficácia da biografia como propaganda política, além da imagem que a sociedade brasileira atual possui de Getúlio Vargas. (SOUZA, 2017, p. 54-55).

Outro resultado relevante da pesquisa de Souza (2017), é sobre os recortes feitos por Lira Neto, que revelam a admiração que o autor nutre pelo ditador gaúcho, admiração esta que também veio a ser revelada em entrevistas. Essa percepção é observada quando o autor escolhe frisar as qualidades intelectuais em detrimento das físicas, opção bem distante da escrita por Carrazzoni. Essa diferença, faz sentido ao considerar “as ideologias de Estado que eram recorrentes em 1939, quando a virilidade tinha grande importância na figura do líder carismático” (SOUZA, 2017, p.52).

O Blog Biografia Getúlio Vargas² traz um compilado de críticas sobre a trilogia de Getúlio Vargas, publicadas sobre os três volumes. Sobre o primeiro volume:

O contexto por onde circulou Getúlio, com maior ou menor liberdade de ação, se desvenda pela leitura do texto de Lira Neto, que busca combinar a fluência da linguagem com a validação conferida pela pesquisa cuidadosa. (Marly Motta, doutora em História, em resenha para o jornal Folha de S. Paulo).

Escritor talentoso, Lira Neto enfileira episódios eletrizantes que atormentaram uma república ainda na infância e enfraquecida pelo parto prematuro. A narrativa lembra um roteiro de um filme de ação que saiu da tela para provar que a realidade pode ser mais turbulenta e surpreendente que qualquer história inventada. (Augusto Nunes, jornalista, em resenha na Veja)

Nos brinda com uma escrita clara e requintada. Descortina detalhes da vida de Getúlio, demonstrando o tempo gasto com a pesquisa de fontes primárias e o respeito à história do estadista. Trata-se de biografia moderna, cuidadosa no trato com as fontes, ciente da historiografia já publicada. (Andréa Casa Nova Maia, doutora em História, professora da UFRJ, na Revista da História da Biblioteca Nacional).

² <https://biografiagetuliovargas.wordpress.com/2012/04/26/comeca-a-pre-venda-na-internet/>.

Sobre o segundo volume:

É o contador de histórias na melhor forma. O autor alia apuração com objetividade, características do bom jornalismo, mas também avança sobre a academia com características do mais bem cuidado pesquisador. Ao unir os dois mundos como se únicos, Lira apresenta uma qualidade rara de ser encontrada, tanto dentro de uma redação quanto nas universidades. (Leonardo Cavalcanti, jornalista, no *Correio Braziliense*).

A leitura do *Getúlio*, de Lira Neto, tão aconselhada por Jorge Mautner, me prendeu desde as primeiras páginas — e revelações como o discurso anticristão, de evidente inspiração nietzschiana, do jovem Vargas, além da oposição culta ao liberalismo em discursos na assembleia gaúcha, me dão vontade de ler logo as tantas páginas que restam (e as que ainda não foram publicadas). (Caetano Veloso, em *O Globo*).

Ainda que seja obra em progresso, desde já é possível classificar *Getúlio* como um evento. Pela massa formidável de informações, pela narrativa escorreita que as amarra, pelas novidades que encerra, o livro amplia a percepção do político e do país. (Mario Sergio Conti, jornalista, na revista *Piauí*).

Sobre os três volumes:

O maniqueísmo ingênuo se desfaz conforme conhecemos mais sobre uma personalidade tão ambígua e sua complexa inserção numa época conflagrada como os meados do século passado. Fomentar essa compreensão isenta é o maior mérito da biografia em três volumes empreendida pelo jornalista e pesquisador Lira Neto. (Otávio Frias Filho, jornalista, na *Folha de S. Paulo*).

Assim, ao analisar a repercussão da trilogia como um todo, Victor Gentili, jornalista, mestre e doutor pela Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP e professor da Universidade Federal do Espírito Santo, teceu elogios ao autor, ao publicar uma resenha no site da Revista Pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)³, em que destaca o trabalho jornalístico de Lira Neto:

Trabalho de jornalista, a obra é dedicada ao grande público. Mas para pesquisadores, historiadores e outros interessados, todos os fatos narrados são referidos em notas ao fim do volume. Neste tomo, são exatas 1.773. Pela primeira vez, *Getúlio Vargas* contará com uma biografia exaustiva feita “com base numa pesquisa impressionante”, como anotou Boris Fausto na contracapa. Maria Celina D’Araújo fala em “imensidão de dados”. Os brasileiros precisam conhecer a vida deste homem cujo legado permanece e ainda gera tanta polêmica.

No resumo escrito por Maria Carneiro Lobo, professora do curso de Direito do UniBrasil Centro Universitário, é possível observar a opinião da autora sobre a relevância das obras de Lira Neto para o conhecimento e debate sobre a figura de *Getúlio Vargas*, que

³ <https://revistapesquisa.fapesp.br/getulio-pelo-olhar-de-um-reporter/>.

corroborar com a crítica de Victor Gentili. Dessa forma, Lobo (2017) destaca:

[...] a relevância do estudo para o crescimento do debate crítico sobre a figura de Getúlio Vargas, visando, para além de apologias ou detrações, problematizar aspectos de sua formação teórica, de suas convicções político-ideológicas e de suas estratégias práticas para manter-se no centro da política nacional por quase duas décadas. (LOBO, 2017, p. 66).

Entretanto, nem só de elogios foram as críticas noticiadas nos meios de comunicação sobre a trilogia de Getúlio Vargas escrita por Lira Neto. Uma notícia veiculada pelo site Brasil 247⁴ em 08 de junho de 2012, intitulada: “Biografia de Getúlio abre guerra entre intelectuais”, discute sobre os documentos apresentados nas biografias de Lira Neto como sendo inéditos, que segundo autores como Juremir Machado, já eram amplamente conhecidos.

Juremir Machado um dos intelectuais a denunciar a questão, é autor de um romance histórico sobre Getúlio, que também fez relativo sucesso. Sobre o assunto, Juremir Machado elucidou:

Sim, estou chocado com o que chamarei de Caso Lira Neto. Fosse na França, país de grandes historiadores, seria um escândalo. Se um jornalista, penetrando no campo da historiografia, dissesse ter descoberto documentos e informações inéditos sobre a Revolução de 1789 e alguém provasse imediatamente se tratar de material requeitado, intelectuais marchariam de faca nos dentes para denunciar a fraude, a falsificação, a tentativa de manipulação mercantilista do passado e do presente. Editora e mídia seriam duramente atacadas. Haveria manifestações de repúdio. Intelectuais se sentiriam ultrajados. O caso Lira Neto, com sua biografia de Getúlio Vargas, é sintomático: explicita a ignorância e a má-fé de jornalistas, a conivência da mídia, a indiferença da academia, o conluio entre uma grande editora e certos veículos de comunicação. (BRASIL 247, 2012, online).

O autor Juremir Machado da Silva⁵, ainda diz que o caso Lira Neto prova que a mídia produz fatos, manipula e impõe sua visão, ou seja, trata-se de um golpe de *marketing* editorial.

Uma coisa é certa: quando Veja, Companhia das Letras e Folha de S. Paulo juntam-se a picaretagem é inevitável. Elas se juntaram num golpe de marketing editorial: uma biografia em tom paulista de Getúlio Vargas escrita por mais um desses jornalistas vulgarizadores estranhos ao ofício, no estilo Laurentino Gomes, um certo Lira Neto. Decidido a produzir fatores de legitimação para a sua obra, Lira Neto, na falta de novidades aceitáveis por historiadores de verdade, passou a requeitar velhas descobertas e a apresentá-las como novas. Plantou na mídia amiga, Folha e Veja, notinhas sensacionais apresentando o velho como muito novo. (SILVA, 2012, online).

⁴ <https://www.brasil247.com/cultura/biografia-de-getulio-abre-guerra-entre-intelectuais-j8wnphwt>.

⁵ <https://www.correiopovo.com.br/blogs/juremirmachado/os-golpes-de-lira-neto-para-vender-o-velho-como-novo-1.297641>

Segundo Juremir Machado da Silva (2012), Lira Neto, tenta aplicar três golpes apoiado nos discursos de formatura, no caso do assassino homônimo e no processo de Ouro Preto. Diante desse contexto, cita a fala Boris Fausto, professor da USP, Biógrafo de Getúlio, grande especialista no tema, que é categórico ao falar sobre a biografia de Lira Neto: “Não traz nenhuma grande novidade. A picaretagem, como se sabe, é a doença senil do jornalismo. A Nova História feita por jornalistas consiste em embalar o velho como novo. No caso do livro de Lira a manchete estava pronta antes do fato: biografia revoluciona imagem de Getúlio” (SILVA, 2012, online).

Assim, o ocorrida demonstra nos dias atuais o que Bordieu e Halimi denunciaram em pequenos livros que ocasionaram muita polêmica, a questão do sistema de convivência no campo cultural entre as editoras, mídia e certos autores em operações de interesse comercial (BRASIL 247, 2012).

Neste contexto, cabe citar o *ranking* de vendas da trilogia. No *ranking* dos mais vendidos no site da Amazon^{®6}, o primeiro livro da trilogia de Getúlio Vargas ocupa o nº 16.321 na Loja *Kindle* (livros digitais), nº 42 em biografias políticas e nº 337 em biografias e autobiografias. Já o segundo livro, ocupa o nº 40,814 dos mais vendidos na Loja *Kindle*, nº 100 em biografias políticas e nº 901 na categoria biografias e autobiografias. E o terceiro livro, ocupa o *ranking* nº 35,028 dos mais vendidos na Loja *Kindle* e nº 769 em biografias e autobiografias. Ao procurar o *ranking* de vendas dos livros de Getúlio Vargas no site da Saraiva, os mesmos não estavam disponíveis para consulta.

Importante citar que tais dados sobre o *ranking* de vendas dos livros de Getúlio Vargas escritos por Lira Neto nos sites da Amazon[®], somente foram apresentados nesta reflexão como parâmetro de curiosidade, pois não há clareza em relação ao rigor/ metodologia empregada para elaboração do *ranking*.

Em síntese, mesmo com as críticas apresentadas por Juremir Machado, é possível perceber a repercussão positiva da trilogia de Getúlio Vargas escrita por Lira Neto, na mídia e para o mercado editorial, com o resultado de mais de 100 mil exemplares vendidos, conforme apontam dados coletados até o fechamento do artigo de Martinez e Albuquerque (2020). Entretanto, é importante considerar que as críticas apontadas por Juremir Machado impactam de forma significativa na veracidade de fatos “inéditos” sobre a vida do personagem biografado, o que apresenta como uma estratégia de *marketing*.

⁶ https://www.amazon.com.br/dp/B009WWIPXG/ref=dp-kindle-redirect?_encoding=UTF8&btkr=1.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o percurso de desenvolvimento deste estudo foi possível perceber que seu objetivo foi alcançado, ao realizar uma análise da repercussão das biografias de Getúlio Vargas - um personagem político contemporâneo - escritas por Lira Neto, por meio de um mapeamento externo do mercado editorial a partir de críticas coletadas sobre as biografias, e uma análise e reflexão dos sumários que objetivava mostrar aspectos pessoais que caracterizam o personagem biografado, e também do contexto social no qual se insere

Por meio da análise e reflexão, é perceptível que Lira Neto teve seu foco voltado para os aspectos intelectuais do personagem, em detrimento as físicas, qualidades estas que revelam a admiração que o autor nutre pelo político gaúcho. Outra percepção a ser apontada é a de que Lira Neto traça uma narrativa cronológica dos fatos da vida pessoal e política do personagem, em concordância com os fatos e a cultura da época, embasados em documentos históricos que traz um rigor metodológico para o trabalho, que não é usual entre os jornalistas, sendo respeitado entre pessoas de outras áreas.

Além disso, nos sumários, é notória a presença de uma associação cronológica dos fatos que permeiam a trajetória do personagem, com os contextos e acontecimentos políticos da época noticiados em jornais. Dessa forma, Lira Neto buscou trazer uma biografia moderna e jornalística para o leitor, que conseguisse desvendar toda a dimensão e complexidade dos “Getúlios”.

Na análise externa, sobre a repercussão na mídia sobre as obras, a trilogia apresentou números significativo/ expressivos em relação às vendas, chegando a vender mais de 100 mil exemplares contabilizados no ano de 2020. Além de ser aclamada por diversos historiadores, pesquisadores, cientistas políticos, e pela imprensa em geral, como jornais, revistas e televisão. Entretanto, Lira Neto veio a ser duramente criticado por Juremir Machado, pelo fato de divulgação na mídia de que o autor havia se embasado em documentos inverídicos para construir a biografia de Getúlio Vargas, requeitando fatos sem trazer nenhuma novidade.

REFERÊNCIAS

- ABE, Stephanie Kim. **Retratos da leitura no Brasil: por que estamos perdendo leitores.** CENPEC, Educação, 2020. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/tematicas/retratos-da-leitura-no-brasil-por-que-estamos-perdendo-leitores>. Acesso em: 29 jan. 2021.
- AGRIPINO-RAMOS, Érika Bruna. **No rastro de Hilton, esbarrei na minha existência: diário de uma jornalista em sua primeira grande reportagem.** 2017. 116 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral.** Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6715/1525.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2019.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilema da subjetividade contemporânea.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ASSIS, Francisco de. As histórias de vida e a configuração dos gêneros jornalísticos: o caso da série “Gente de São José”. **Comunicação & Informação**, v. 15, n. 1, p. 66-85, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/article/download/52534>. Acesso em: 25 jun. 2021.
- AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como possibilidade de escrita da história. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História–ANPUH, USP, São Paulo**, p. 1-13, 2011. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548855462_aea84bdd7b276d31370cd7edf2c10851.pdf. Acesso em: 12 abr. 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2017.
- BERTÊ, Júlia Magalhães; SEIBT, Taís. Interesse público e liberdade de expressão: a ética jornalística em evidência no debate sobre a autorização prévia de biografias. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, p. 1-16, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2749-1.pdf>. Acesso em: 11 maio 2021.
- BORGES, Vavy Pacheco. O “eu” e o “outro” na relação biográfica: algumas reflexões. In: NAXARA, Márcia, MARSON, Izabel e BREPOHL, Marion (orgs). **Figurações do outro.** Uberlândia: EDUFU, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica, 1997. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes; (Org.). **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Getúlio Vargas: o estadista, a nação e a democracia. In: **A Era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade.** São Paulo: Editora UNESP, 2012.
- BUENO, Eduardo. "O velho 'new journalism' está de volta". **Zero Hora**, Porto Alegre, 10 abr. 1994, Segundo Caderno, p. 7-10, 1994.

CÂMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerai**s: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 179-191, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2021.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.

CAMPOS, Lorraine Vilela. **Biografias**. Mundo Educação Uol, 2021. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/biografias>. Acesso em: 18 maio 2021.

CÂNDIDO, Jornal da Biblioteca Pública do Paraná. **Um escritor na Biblioteca: Lira Neto**. 2017. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Um-Escritor-na-Biblioteca-Lira-Neto>. Acesso em: 20 jun. 2021.

CARINO, Jonaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa. **Educação & Sociedade**, v. 20, n. 67, p. 153-182, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/pfcpbdYWBnlMVktGRhKKNYM/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CARTA CAPITAL. **Getúlio, ame-o ou deixe-o**. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/getulio-ame-o-ou-deixe-o/>. Acesso em: 28 ago. 2021.

CATALÃO JÚNIOR, Antônio Heriberto. **Jornalismo Best-seller: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo**. 2010. 252f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2010.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez editora, 2018.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa – um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

COMPANHIA DAS LETRAS. **Getúlio 1 (1882-1930)**. 2012. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12979>. Acesso em: 29 ago. 2021.

COMPANHIA DAS LETRAS. **Getúlio 2 (1930-1945)**. 2013. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=13459>. Acesso em: 29 ago. 2021.

COMPANHIA DAS LETRAS. **Getúlio 3 (1945-1954)**. 2014. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=13458>. Acesso em: 29 ago. 2021.

CONGRESSO EM FOCO. **A biografia de Castello Branco e o que ele ensina ao Brasil de hoje**. 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/opiniaocolumnas/a-biografia-de-castello-branco-e-o-que-ela-ensina-ao-brasil-de-hoje/>. Acesso em: 25 jun. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECOLOGIA. **Segmento de biografias cresce com grandes livros e lições valiosas**. 2020. Disponível em: <https://www.crb8.org.br/segmento-de->

biografias-cresce-com-grandes-livros-e-lico-es-valiosas/

COSTA, Cristiane. **Jornalistas escritores no Brasil**. 2004. 362 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em:

http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=13. Acesso em: 25 jun. 2021.

CUNHA, Rodrigo. Roteiros focalizam biografias de personagens de sucesso. **Ciência e Cultura**, v. 58, n. 1, p. 60-61, 2006. Disponível em:

http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000100026&script=sci_arttext. Acesso em: 15 maio 2021.

DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi**, v. 10, n. 19, p. 7-16, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2237-101X2009000200007&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 30 abr. 2021.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009.

FARIA, Nídia Sofia. Jornalismo literário: um olhar histórico para o gênero e suas características. **Comunicação Pública**, n. Especial 01E, p. 29-44, 2011. Disponível em:

<https://journals.openedition.org/cp/210#ftn7>. Acesso em: 16 nov. 2019.

FERNANDES, Vagner. **Sobram argumentos, falta sensatez**. O Globo, 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/sobram-argumentos-falta-sensatez-10447076>. Acesso em: 02 dez. 2019.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONSECA, Virginia Pradelina da S.; VIEIRA, Karine Moura. A biografia como acontecimento jornalístico. **LÍBERO**, v. 14, n. 28, p. 99-108, 2011. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/339/0>. Acesso em: 18 nov. 2019.

FREITAS, Helena de Sousa. **Jornalismo e literatura: inimigos ou amantes**. Torres Novas, Portugal: Peregrinação Publications Inc, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Zaragoza: Editoras da Universidade de Zaragoza, 2004.

HOLMES, Richard. **Footsteps: adventures of a romantic biographer**. New York: Vintage Books, 1985.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil 5ª edição**. 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em: 18 mar. 2021.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. IN: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

LEVI, Giovanni. Os usos da biografia. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo, Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª ed. Barueri: Editora Manole, 2009.

LIRA NETO, João. **Getúlio, de Lira Neto**. Companhia das Letras, 2012. 1 vídeo (3:31 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q24P9f0WBcw&t=8s>. Acesso em: 29 ago. 2021.

LIRA NETO, João. **Getúlio (1882-1930): dos anos de formação à conquista do poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LIRA NETO, João. **Getúlio (1930-1945): do governo provisório à ditadura do Estado Novo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LIRA NETO, João. **Getúlio: da volta pela consagração popular ao suicídio (1945-1954)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LIRA NETO. **O autor**. 2021. Disponível em: <https://www.liraneto.org/o-autor>. Acesso em: 29 ago. 2021.

LOBO, Andréa Maria Carneiro. Lira neto: Getúlio ou “Getúlios”? **Revista Expressão**, v. 6, n. 1, p. 66-68, 2017. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/revistaexpressao/article/view/2870>. Acesso em: 26 ago. 2021.

MACIEL, Alexandre Zarate; ROCHA, Heitor Lima. Desvendando o contemporâneo: o papel do jornalista-autor de livros-reportagem. **Dispositiva**, v. 5, n. 1, p. 94-110, 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/11904>. Acesso em: 19 nov. 2019.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra; SILVA, Luíza Helena Oliveira da; BATISTA, Dimas José. Do herói ficcional ao herói político. **Ciências & Cognição**, v. 12, p. 18-30, 2007. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/649>. Acesso em: 01 jun. 2021.

MALCOLM, Janet. **A mulher calada**. Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

MARTINEZ, Monica; ALBUQUERQUE, Aline. Histórias de vida como método: estudo da narrativa biográfica do jornalista Lira Neto1. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da**

Comunicação, v. 43, n.3, p. 83-97, 2020. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/interc/a/QJscJFM7vWc8SmGwPVhQrPs/?lang=pt>. Acesso em: 25 ago. 2021.

MEIRELES, Maurício. Livros de memórias e biografias autorizadas dispararam em vendas. **Folha de São Paulo**, 2018. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/01/1950124-livros-de-memorias-fazem-vendas-de-biografias-dispararem-no-pais.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2020.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MITTELMAN, Felipe Couto. **Jornalismo em quadrinhos: biografias e fatos em narrativas gráficas**. 2014. 127 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em:
<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4323/1/FMittelman.pdf>. Acesso em: 28 maio 2021.

MOTTA, Luiz Gonzaga. O jogo entre intencionalidades e reconhecimentos: pragmática jornalística e construção de sentidos. **Comunicação e Espaço Público**, n.1, p. 7-38, 2003. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/12249>. Acesso em: 15 nov. 2019.

MOTTA, Marly Silva da. O relato biográfico como fonte para a história. **Vidya**, n.34, p.101-122, 2000. Disponível em:
<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6727/614.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 nov. 2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dez. 1993. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 18 maio 2021.

PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. **Anais do Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**, p.1-15, 2006. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2020.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. In: Anais do Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006.

PEREIRA, Lindjane dos Santos. **A biografia no âmbito do jornalismo literário: Análise comparativa das biografias Olga, de Fernando Morais e Anayde Beiriz, paixão e morte na Revolução de 30, de José Joffly**. 2007. 97 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

PINTO, Rennan Torres. **Políticos e Super-heróis, o que há em comum?** O Povo Online, 2016. Disponível em:
<https://www20.opovo.com.br/app/jornaldoleitor/noticiassecundarias/cronicas/2016/09/12/noticiajornaldoleitorcronicas,3658315/politicos-e-super-herois-o-que-ha-em-comum.shtml>. Acesso em: 18 maio 2021.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em:
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 28 maio 2021.

PONTE, Cristina. Contributo do Realismo para o Discurso Jornalístico. **Caleidoscópio – Revista de Comunicação e Cultura, Territórios Do Jornalismo**. Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, pp. 177-185, 2005. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/48577815.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2019.

PORTAL R3. **Segmento de biografias cresce com grandes livros e lições valiosas**. 2020. Disponível em: <https://www.portalr3.com.br/2020/11/segmento-de-biografias-cresce-com-grandes-livros-e-licoes-valiosas/#:~:text=Segundo%20dados%20da%20Nielsen%20Bookscan,um%20todo%20cresceu%20apenas%206%25>. Acesso em: 02 fev. 2021.

QUIRINO, Raquel. O processo de elaboração da pesquisa acadêmico científica. In: **13ª Semana C & T Semana de Ciência e Tecnologia**, p. 1- 34, 2017.

RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, 1994.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **Rumores–Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias**, v. 7, n. 14, p. 138-157, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/Rumores/article/view/69434/72014>. Acesso em: 18 nov. 2019.

SANTOS, Marli dos. Histórias de vida na grande reportagem: um encontro entre jornalismo e história oral. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 21-32, jul./dez, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/12266>. Acesso em: 25 jun. 2021.

SARAIVA, Juracy Igenes Assmann; SCHEMES, Claudia; ARAÚJO, Denise Castilhos de. Memória e liminaridade entre discursos biográficos da História, do Jornalismo e da Literatura. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, v. 12, n. 100, p. 126-158, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/download/1984-8951.2011v12n100p126/18559/64084>. Acesso em: 12 jun. 2021.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Revista Estudos Históricos**, v. 10, n. 19, p. 3-22, 1997. Disponível em: <https://cantoni.pro.br/2011/11/27/construindo-biografias-historiadores-e-jornalistas-aproximacoes-e-afastamentos/>. Acesso em: 05 dez. 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Biografia como gênero e problema. **História Social**, n. 24, p. 51-73, 2013. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1577/1083>. Acesso em: 25 mar. 2021.

SILVA, Juremir Machado da Silva. **Os golpes de Lira Neto para vender o velho como novo**. Correio do Povo, 2012. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/os-golpes-de-lira-neto-para-vender-o-velho-como-novo-1.297641>. Acesso em: 28 nov. 2021.

SILVA, Wilton Carlos Lima da. Biografias: construção e reconstrução da memória. **Fronteiras**, v. 11, n. 20, p. 151-166, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/download/33871888/Biografias_construcao_e_reconstrucao_da_memoria_Revista_Fronteiras_2009.pdf. Acesso em: 28 maio 2021.

SOBRAL, Gustavo; BULHÕES, Juliana. Propostas para o estudo das biografias e autobiografias de jornalistas brasileiros. In: **Anais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Caruaru**, p. 1-10, 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-2378-1.pdf>. Acesso em: 15 maio 2021.

SOUZA, Clara Guimarães Alves de; SCHERMANN, Daniela Gonçalves; OLIVEIRA, João Marcos Veiga de; AGUIAR, Livia Farnese Cordeiro de; PENNA, João Carlos Firpe. A construção de narrativas de vida no jornalismo literário. In: **XVI Prêmio Expocom**, p. 1-10, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/expocom/EX14-0576-1.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2021.

SOUZA, Lícia Oliveira. **Jornalismo e biografias**: reconstruções de identidades e a busca pelo humano. 2008. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social da UFJF, Juiz de Fora, 2008. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/LiciaOliveira.pdf>. Acesso em: 18 maio 2021.

SOUZA, Olívia Baldissera. **Uma criança predestinada nasce em São Borja**: uma análise comparativa de duas biografias de Getúlio Vargas. 59 f. 2017. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2017/12/TCC-OI%C3%ADvia-Baldissera-de-Souza-2017.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.

SPALDING, Marcelo. Biografias que aquecem o mercado editorial. **Portal Escrita Criativa**, 2017. Disponível em: <http://escritacriativa.com.br/?apid=6680&tipo=141&dt=0&wd=&titulo=Biografias%20aquecem%20mercado%20editorial>. Acesso em: 11 mar. 2020.

UOL, Notícias. **Livro de memórias de Obama vende quase 900 mil cópias em 24 horas**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2020/11/19/livro-de-memorias-de-obama-vende-quase-900-mil-copias-em-24-horas.htm>. Acesso em: 28 jan. 2021.

VALLE, Cléa Fernandes Ramos; TELLES, Verônica. O mito do conceito de herói. **Revista do ISAT, Rio de Janeiro**, v. 2, n. 1, p. 01, 2014. Disponível em: https://www.revistadoisat.com.br/numero2/01_O_Mito_do_Conceito_de_Heroi_Clea_e_Veronica.pdf. Acesso em: 27 maio 2021.

VIDAL E SOUZA, Candice. **Repórteres e reportagens no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2010.

VIEIRA, Karine Moura. **Do fazer um saber**: a construção do biografar – o discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros. 2015. 213 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015. Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4993/Karine%20Moura%20Vieira_.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 25 maio 2021.

VIEIRA, Karine Moura. **O desafio de narrar uma vida**: a crítica genética no estudo da biografia como gênero jornalístico. 2011. 134f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: UNESP, 2008.

VILAS BOAS, Sérgio. **Metabiografia e seis tópicos para o aperfeiçoamento do jornalismo biográfico**. 2006. 208f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis**: e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis**: o mundo dos outros 22 personagens e 1 ensaio. 3.ed. Barueri: Manole, 2014.

VOGEL, Daisi Irmgard. A ficção do relato jornalístico. **Caligrama**, v. 1, n. 3, 2005.
Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/56676>. Acesso em: 03 jun. 2021.